



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

CAMILA SANTOS DE ALMEIDA MARQUES

**A DITADURA DA BRANQUITUDE E O MITO DA BELEZA: UMA ANÁLISE DO
ROMANCE *O OLHO MAIS AZUL* DE TONI MORRISON**

Porto Nacional/TO
2023

CAMILA SANTOS DE ALMEIDA MARQUES

**A DITADURA DA BRANQUITUDE E O MITO DA BELEZA: UMA ANÁLISE DO
ROMANCE *O OLHO MAIS AZUL* DE TONI MORRISON**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador<a>: Dra. Marília Fátima de Oliveira

Porto Nacional/TO
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

A447d Almeida, Camila Santos de.

A ditadura da branquitude e o mito da beleza: Uma análise do romance o olho mais azul de Toni Morrison. / Camila Santos de Almeida. – Porto Nacional, TO, 2023.

53 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras, 2023.

Orientadora : Dr^a Marília Fátima de Oliveira

1. Mito da Beleza. 2. Mulher Negra. 3. Racismo. 4. Identidade da mulher negra. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Agradeço antes e diante de tudo à Deus, meu soberano Pai o qual me sustentou diante de tamanhas dificuldades no processo dessa pesquisa. Agradeço à minha mãe, mesmo sendo analfabeta sempre me impulsionou a estudar e ir em busca dos meus sonhos.

Agradeço ao meu primeiro amor e esposo Victor Hudson (in memoriam), por muito tempo me deixou em casa somente dedicando aos meus estudos, pois ele entendia o quão importante era para mim esse título. Durante o processo, o perdi para a Covid-19, e por muitas vezes pensei em desistir, mas decidi seguir impulsionada pela minha orientadora Marília de Fátima, aqui já externo a ela o meu profundo agradecimento.

Agradeço as minhas amigas, Larissa, Rebeca, Mariana e Maryna, através delas tive a iniciativa de iniciar a vida de mestrandia, acreditaram em mim quando nem eu mesma acreditava.

Agradeço a minha filha, mesmo tão pequena esteve comigo durante todo tempo de solidão.

*“Bem-aventurado o homem que
acha sabedoria, e o homem que
adquire conhecimento;”
(Provérbios 3:13)*

RESUMO

O presente trabalho propõe-se à análise literária do livro *O olho mais azul*, de Toni Morrison. A análise se configura a partir da perspectiva do mito da beleza branca, tendo em vista os conceitos de belo a partir da filosofia, sociologia e os atuais. A obra é uma estreia dos escritos de Morrison, lançado em 1970 nos Estados Unidos, trata de consequências negativas do racismo, que afeta de modo depreciativo a autoimagem das pessoas negras ante a beleza branca que é o inverso da “feia” negra. Partindo dessas observações, buscamos nesse trabalho analisar a partir da personagem principal Pecola, as causas e consequências que o racismo, a segregação racial e a exclusão social ao negro podem acarretar ao emocional de uma pessoa. Ainda nessa perspectiva, buscamos compreender o processo pelo qual essa personagem tem sua identidade afetada por narrativas criadas para reproduzir ideias racistas. O romance destaca a luta de Pecola para ser aceita, por se considerar feia pela maioria das pessoas, fazendo-a acreditar que somente pode ser aceita após conseguir o tão sonhado olhos azuis. Na fundamentação de nossa leitura, utilizamos o estudos de autoras como Djamila Ribeiro (2017), Bell Hooks (2015), Angela Davis (2017), Naomi Wolf (2019), dentre outros que contribuíram de forma importante para o desenvolvimento do trabalho. Entendemos a importância que a escrita negra pautada em uma leitura da população negra sobre suas próprias problemáticas. A escrita de Morrison transparece a *escrivência* definida por Conceição Evaristo (2005) e possibilita que a voz do negro se sobressaia sobre a do colonizador.

Palavras-chaves: Mito da Beleza. Mulher Negra. Racismo. Identidade da mulher negra.

ABSTRACT

This paper proposes a literary analysis of the book *The Bluest Eye*, by Toni Morrison. The analysis is configured from the perspective of the myth of white beauty, taking into account the concepts of beauty from philosophy, sociology and the present. Morrison's debut novel, released in 1970 in the United States, deals with the negative consequences of racism, which has a detrimental effect on the self-image of black people in the face of white beauty, which is the inverse of black "ugliness". Based on these observations, we sought in this work to analyze, through the main character Pecola, the causes and consequences that racism, racial segregation and social exclusion of black people can have on a person's emotions. Also from this perspective, we seek to understand the process by which this character's identity is affected by narratives created to reproduce racist ideas. The novel highlights Pecola's struggle to be accepted, as she is considered ugly by most people, making her believe that she can only be accepted once she has achieved her dream blue eyes. To support our reading, we used studies by authors such as Djamila Ribeiro (2017), Bell Hooks (2015), Angela Davis (2017), Naomi Wolf (2019), among others who made an important contribution to the development of the work. We understand the importance of black writing based on a reading by black people of their own problems. Morrison's writing reveals the writing of life as defined by Conceição Evaristo (2005) and makes it possible for the black voice to stand out above that of the colonizer.

Key-words: Myth of Beauty. Black literature. Black woman. Racism Black Woman Identity

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFT

Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 O que é ser belo?	16
2.2 Branquitude e Negritude: uma discussão	22
2.3 O “Olho mais azul”	26
2.4 Toni Morrison: uma vida	27
3. ANÁLISE: O BELO PELA ÓTICA DE TONI MORRISON	30
3.1 O belo pela perspectiva filosófica	31
3.2 Sobre o belo no olhar de quem condena ⁷	33
4. A SUBALTERNIDADE DA MULHER NEGRA: UMA ANÁLISE DO SILÊNCIO DE PECOLA	42
4.1 A Literatura pós-colonial e o silenciamento dos oprimidos	42
4.2 O racismo como forma de exclusão social	44
4.3 O silenciamento de Pecola no romance.....	46
5. CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS.....	52

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho surge da necessidade de se discutir os preconceitos raciais e suas consequências, partindo do pressuposto do mito da beleza branca como único padrão a ser seguido e aceito, e suas representações na ficção. A presente discussão será fundamentada na obra “O olho mais azul” de Toni Morrison, que traz o tema da beleza como uma de suas temáticas, denunciando o quanto a ditadura da beleza imposta pela sociedade racista é prejudicial para o negro, principalmente para a mulher negra.

Morisson é uma escritora norte-americana negra, sulista e dona de uma escrita comovente. A autora traz em suas obras discussões relevantes como raça, gênero e beleza, e também as angústias vividas pelo povo negro, especificamente a mulher negra. A autora tem, além da obra discutida nessa pesquisa, outras de grande importância como: *Amada* (2007), *Jazz* (2009), *Deus ajude essa criança* (2018), *A origem dos outros* (2019), dentre outras obras que fizeram de Morisson uma autora tão importante ao ponto de levá-la a ser a primeira mulher negra a receber um prêmio Nobel de Literatura.

Assim como Morisson, outras autoras negras sulistas também contribuíram para a construção desse tipo de literatura negra, como Alice Walker e Angela Davis. Alice Walker, assim como Morisson, é uma escritora do sul dos Estados Unidos, perdeu a visão de um dos olhos ainda criança em um acidente. Por ser muito dedicada, conseguiu bolsas de estudos e iniciou sua carreira como escritora com *Once*, um volume de poesias, porém somente com a obra *A cor púrpura* a autora alcançou sua ascensão.

Assim como Morisson e Walker, Angela Davis também é uma autora sulista que em sua literatura discute a igualdade racial. Vivenciou desde cedo o racismo e ações brutais de uma das organizações mais violentas, a Ku Klux Klan. Ainda em sua adolescência a autora organizou um grupo de estudos sobre as questões raciais, foi descoberta e juntamente com os outros integrantes foi proibida de continuar. Davis foi presa e, após passar um período na prisão, conquista sua liberdade e se torna uma destacada professora de filosofia e história. Em suas obras destacam-se *Mulheres, classe e raça*, *Mulheres, cultura e política*, dentre outras que até hoje são tão relevantes para os estudos raciais.

Autoras como Morisson, Walker e Davis fazem com que os estudos raciais tomem ainda mais relevância. Através dessas autoras e de outras que também foram importantes, é possível tomar conhecimento da história de sofrimento do povo negro. Essas autoras contribuem para a construção histórica da trajetória da mulher negra, e isso faz com que seja possível a continuidade de trabalhos e pesquisas como o que está sendo aqui construído.

Com isso, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar o mito da beleza branca bem como a representação de suas consequências a partir do comportamento e das atitudes da personagem Pecola na obra *O olho mais azul* de Tony Morrison, a fim de identificar as quais os pressupostos por detrás da violência racista ocorridas na vida da personagem. Para tanto, inicialmente vamos analisar as causas dos problemas sociais vivenciados por Pecola na obra, sob a ótica da personagem Cláudia Macteer. Cláudia é a narradora da obra, assim como Pecola é uma menina negra, porém com uma configuração familiar mais sólida que a de Pecola, afetando na maneira como ela e sua irmã enxergam o mundo. Isso modifica a visão de mundo entre as duas, pelo fato de Cláudia estar inserida em um ambiente onde se sente segura, recebe carinho dos pais e através deles possuem uma perspectiva mais positiva da sociedade em que estar inserida. Dessa forma, Cláudia e sua irmã Frieda conseguem administrar melhor os seus sentimentos diante da sociedade racista em que vivem.

Diante disso, a narrativa segue elencando e discutindo o mito da beleza branca pela perspectiva do feminismo negro, sempre a partir do comportamento, atitudes, e perspectivas da personagem Pecola para, por fim, identificar as consequências da violência racista na vida desta personagem.

Após Oprah Winfrey indicar o livro em seu aclamado clube de leitura, a obra se tornou um best-seller e, no ano de 2000, alcançou a marca de 800 mil exemplares vendidos. A edição utilizada para esta pesquisa foi enviada pela Tag Experiências Literárias, em 2019, que também é um clube de assinatura de livros que envia mensalmente obras de temas diversos para o endereço de seus assinantes.

Essa leitura despertou-nos o desejo de entender e demonstrar que não há beleza única e o quanto essa noção é importante para a construção de uma sociedade menos racista e opressora. Para Platão, o conceito de beleza está associado à bondade. Para isso, é válido o questionamento: o que é belo? e bom, pois “[...] dá mais valor à beleza moral e intelectual que à física” (Oliveira, 2005, p. 93).

Desse modo, é importante ressignificar o conceito de beleza imposto por uma sociedade que julga o externo, os traços do rosto, cor da pele e tipos de cabelo. Para Oliveira (2005),

Platão fala de uma beleza imune às transformações que ocorrem e são traços característicos no mundo sensível. É uma realidade que se acha além desse mundo em que tudo muda e perece: a beleza transcendente, eterna e imutável, incomparavelmente mais real que as belezas transitórias percebidas com os olhos e os ouvidos; esta beleza existe como ideia, a forma arquetípica da qual participam todas as coisas que chamamos de belas no mundo em que vivemos. (Oliveira, 2005, p. 94).

Segundo essa interpretação, beleza é algo que ultrapassa os valores impostos, pois transcende esse mundo que sofre variações constantemente, isto é, o que atualmente é belo, após algum tempo, pode não ser mais – ou mesmo ser diferente do que é considerado belo em outras sociedades. Trazendo para perspectivas atuais, uma roupa que atualmente é considerada bonita, na moda, logo depois se torna ultrapassada, perdendo seu apelo inicial. Embora as mudanças na moda também passem por questões econômicas, são mais transitórias do que os moldes de beleza aplicados no ocidente, em especial em relação às mulheres, continuamente e há séculos julgadas e subjugadas por não corresponderem aos padrões irreais e europeus de beleza. Dessa forma, para seguir socialmente a visão de Platão, ainda há um longo caminho a prosseguir.

Pode –se dizer que, desde a época da escravidão a beleza da mulher negra é vista por uma ótica do estereótipo exótico. Com isso, existia e ainda existe uma hipersexualização, levando-as à exploração sexual e à negação de sua dignidade como seres humanos. De acordo com Hooks (2019), os senhores brancos consideravam as escravas como mulheres de peito e nádegas avantajadas e, dessa forma, imaginavam que as mulheres estavam sempre em posição de servidão, dentro e fora da cozinha. Atualmente, isso ainda persiste. “A mulher negra ainda é a gostosa do samba ou a empregada [...]” (Ribeiro, 2018, p. 49).

Ao pensarmos em textos literários, ressaltamos a importância da obra de Toni Morrison, que evidencia a importância da representação do belo e de se abordar a beleza por uma ótica diferente, apostando no poder transformador da leitura. Sobre isso, Candido (1988), nos diz que a literatura é vista como um instrumento para educar, instruir e fazer com que a pessoa possua contato com novos saberes, sendo esse ato um direito de todos, pois a leitura proporciona ao indivíduo a capacidade de se colocar no lugar do outro, e isso é humanizar-se.

Esse ato nos torna capazes de alcançar posicionamentos diferentes, já que saímos de um lugar-comum para ir ao encontro de outras realidades. Nas palavras de Candido (1988, p. 180):

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Diante disso, Candido (1988) evidencia que a literatura permite a mudança de perspectiva daquele que com ela obtém contato. Faz com que o indivíduo tenha uma outra visão, abandonando o viés egocêntrico, oferecendo mais importância a outros tipos de

realidades. Sendo assim, podemos afirmar que a análise de uma obra literária que trata de racismo é uma forma de utilizar a literatura e a leitura como ferramentas no combate dessa violência estética que é tão recorrente em nossa sociedade.

Nesse sentido, é importante cuidado ao tratar de padrões de beleza, pois quantas mulheres negras não se sentem incompletas porque não se veem representadas diante desses padrões? Esse sentimento de rejeição por estar fora dos padrões aceitos na sociedade americana é retratado na narrativa de Morrison (2019), quando esta representa na obra aqui mencionada o que se passa no imaginário da criança negra. Sobre isso, Kilomba (2019) afirma que:

Revistas, quadrinhos, filmes e televisão coagem a criança negra a se identificar com os outros brancos, mas não consigo mesma. A criança é forçada a criar uma relação alienada com a *negritude*, já que os heróis desses cenários são brancos e as personagens negras são personificações de fantasias brancas (Kilomba, 2019, p. 154, grifos da autora).

Conforme atesta a autora, o negro é sujeito a comparações, assim como a personagem da obra em análise, a qual se encanta pela foto de uma atriz mirim estampada em uma caneca, com seus olhos azuis e cabelos claros. Inúmeras crianças também se veem nessa mesma situação, pois não se sentem representadas. “Adultos, meninas mais velhas, lojas, revistas, jornais, vitrines – o mundo todo concordava que uma boneca de olhos azuis, cabelo amarelo e pele rosada era o que toda menina mais almejava” (Morrison, 2019, p. 30). Com isso, fica evidente o quanto é nociva a imposição de formas a serem seguidas principalmente pelas mulheres negras, enfoque dessa pesquisa.

A literatura de Toni Morrison se destaca ao colocar em evidência a voz do sujeito negro. Suas narrativas são protagonizadas a partir da ótica de pessoas negras, principalmente das mulheres negras, como é o caso da obra objeto de análise desta pesquisa. A literatura feminina negra é escrita a partir de uma vivência, é uma escrevivência, assim como defende Conceição Evaristo (2005). É expor no papel a realidade de um silenciamento que é permeado pela opressão e pelo racismo. Para a mulher negra, escrever e representar a opressão que sofre é também um ato político, pois durante longos anos tempos essa atividade estava restrita somente para os homens brancos, era algo elitizado. “Pode-se dizer que os textos femininos negros, para além de um sentido estético, buscam semantizar um outro movimento, aquele eu abriga todas as suas lutas” (Evaristo, 2005, p. 206).

Para a construção deste trabalho, a metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa. Essa pesquisa pretende analisar a obra *O olho mais azul* de Toni

Morrison para a discussão do romance e suas personagens outras obras teóricas que abordam o tema escolhido.

De acordo com Gil (2002, p. 44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado [...]”. Para tanto, a busca por materiais bibliográficos que abordem o tema será constante e necessária, por se tratar de um estudo histórico no qual uma das maneiras eficientes de se pesquisar é com base em dados bibliográficos.

Desse modo, primeiramente realizamos uma pesquisa sobre teóricos que abordam o processo colonial, o mito da beleza e o racismo, com o objetivo de fazer uma compilação das informações, a fim de que fosse possível organizar, analisar e interpretar as leituras empreendidas. Com esse processo, foi possível compreender o tema para chegar aos possíveis resultados obtidos com a pesquisa.

Em nossa pesquisa, partimos dos seguintes questionamentos: o que é o belo? A beleza segue um único padrão? O que não segue o padrão é considerado feio? Por quê? Para ser belo, é necessário possuir pele clara e olhos azuis? Como a personagem Pecola é afetada por padrões de beleza impostos na sociedade? Essas indagações nortearam a pesquisa com o intuito de identificar quais os padrões de beleza norteadores da narrativa de Toni Morrison e quais as consequências desse padrão de beleza na trajetória das mulheres negras na obra em análise.

Logo, ao mesmo tempo que se fundamenta em pesquisas já realizadas na área, o presente estudo busca contribuir para o debate acerca do mito e da ditadura de beleza branca, bem como as cicatrizes e traumas deixadas na personagem Pecola – aqui operando como uma metáfora para todas as mulheres negras cujas belezas foram e são desdenhadas pela sociedade. Para essa discussão, abordamos o processo de colonização do negro com base em Hall (2003) e Fanon (1961). Depois, discutimos o conceito de beleza na cultura ocidental segundo a concepção de Wolf (2019). Em seguida, focamos no apagamento da beleza negra em decorrência do racismo conforme Souza (1983), Ribeiro (2019), Kilomba (2019), Hooks (2019), Almeida (2019), Suassuna (2016), dentre outros.

Para melhor organizar a discussão ora proposta, nossa dissertação será desenvolvida em três capítulos. Primeiramente se discutem os objetivos da pesquisa, a metodologia utilizada e também os teóricos que irão fundamentar esse trabalho, sendo isso discutido na introdução do trabalho. O primeiro capítulo é composto por uma discussão acerca do conceito de belo, tendo em vista a fundamentação teórica que também faz parte desse tópico. No capítulo 2 discutiremos a relação de branquitude e negritude, o enredo da obra e a biografia da autora que sutilmente empresta sua voz a esse trabalho. O capítulo 3 será composto pela

análise da personagem Pecola, composto por artigos desenvolvidos para contribuição da pesquisa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, será feita a fundamentação teórica sobre o conceito do belo e da beleza, baseado em autores como Aristóteles, Platão, e também em autores como Naomi Wolf e Suassuna, com obras de grande relevância para a discussão do tema. De início será desenvolvida uma análise sobre o conceito de belo, a relação entre branquitude e negritude, um ponto para ser apresentado o enredo da obra e a biografia da autora Toni Morrison.

2.1 O que é ser belo?

Para iniciar a discussão sobre o belo na obra de Morrison, é necessário partir de onde esse conceito foi primeiramente discutido e que caminhos percorreu para alcançar a atual definição. Para tanto, será considerada a relação entre filosofia e estética, pois foram os filósofos os primeiros a pensar o conceito do belo, por isso a importância de incluir os conceitos da filosofia sobre a temática aqui discutida, trazendo as contribuições de Platão (2003) e Kant (1995).

Na Grécia antiga, por exemplo, os filósofos entendiam que o belo vinculava-se a uma filosofia existencial, que fundia pensar e fazer na vida da *pólis*. Assim, havia uma existência estética da virtude e do bem viver. Platão foi um dos primeiros estudiosos que buscou o conceito do belo, porém sem associá-lo diretamente à expressão artística. Para ele, o belo era indissociável do ético. Portanto, negar o ético era, ao mesmo instante, contradizer o belo na vida cotidiana daqueles que faziam parte da *pólis*.

Sendo assim, para Platão, o belo, conceituado filosoficamente, era ligado ao bem, tratando da noção grega de *kalokagathós*: belo e bom. Com Platão, o belo adquire autonomia em relação ao que é bom, embora apareça muitas vezes associado a esse termo, como ocorre, por exemplo, no diálogo com Agatão no *Banquete*: “o que é belo é bom¹”. O filósofo trata de um sentido de belo que está imune às transformações que ocorrem, é uma beleza relacionada ao sentido. No *Fedro*, é possível notar:

[...] sobre a beleza, como dissemos, dentre aqueles [seres] ela brilhava em seu ser, e aqui vindos nós a percebemos através dos mais claros dos nossos sentidos, a fulgir com a máxima claridade. Pois a vista é a mais aguda das percepções que nos vêm pelo corpo e, no entanto, por ela a inteligência não se vê [...] e tudo mais que é amável; mas agora só beleza teve esta sorte de ser o que há de mais evidente e mais amável² (250c-d).

¹ Tradução de Donald Schuler.

² Tradução de J. Cavalcante Souza.

Esse contato com os sentidos é o pressuposto para a discussão de Platão no diálogo estabelecido em sua obra *O Banquete*, na qual é feita a relação do belo com o bom, e do belo com o sentido de amor.

Dessa forma, Aristóteles também comunga dessa mesma ideia quando diz que, para o pensamento antigo, a diferença e/ou a medida era estética, cabendo ressaltar o que era belo e o que não era de acordo com a moral. A vida do cidadão deveria ser um exemplo, pois “[...] a vida feliz consiste no exercício da virtude, e virtude na mediania” (Aristóteles, 2002, p. 187).

Em contrapartida, para Immanuel Kant (1995), nas palavras de Suassuna, o belo é interior a cada pessoa, e está relacionado à fruição e à percepção intuitiva. Kant defende a ideia de um conceito de beleza livre, concebida a partir de um prazer desinteressado, ao contrário da ideia de Platão discutida acima, que seria algo ligado ao bem. Assim, para Suassuna, “o Belo de Kant” se manifesta como um sentimento de prazer obtido na contemplação: “[...] quando o sujeito emite um juízo estético, não está exprimindo um conceito decorrente das propriedades do objeto, mas apenas uma sensação de prazer (ou de desprazer) que experimentou diante do objeto” (Suassuna, 2016 p. 72).

Dessa forma, Kant acentua um juízo de gosto diante da arte, porém, esse juízo não possibilita explicitar a finalidade de uma determinada obra, o porquê um quadro foi pintado, por exemplo. É sentindo um prazer estético diante do que se contempla, como afirma Kant: “Logo, é na capacidade universal de comunicação do estado da mente na representação dada que, como condição subjetiva do juízo de gosto, deve estar fundamentado esse juízo e ter como consequência o prazer face ao objeto” (Kant, 1995, p. 61).

Essa liberdade está associada à imaginação, sabendo que, de acordo com o pensamento de Kant, não se pode afirmar que o juízo de gosto esteja atrelado às funções reguladoras e legisladoras das faculdades que compõem o pensamento humano, porém são ligadas às faculdades intelectuais.

Desta forma, é necessário o indivíduo aplicar uma percepção estética sobre o que é belo ou não, pois partindo disso é entendido que o olhar moderno para os mundos se faz de acordo com a relação ao outro. Assim, essa forma de compreender beleza é uma forma também de compreender o mundo, sendo esse o formato da cultura moderna.

Pode-se afirmar que, para Kant, o belo é determinado pelo juízo de gosto, a reação do sujeito ao objeto, e não algum aspecto ligado a uma propriedade do objeto. A beleza está internalizada em quem contempla o objeto, e exprimir valor estético está diretamente ligado à individualidade de cada um. Pondera Kant que, “aquilo que é puramente subjetivo na

representação de um objeto, isto é, o que constitui a sua relação ao sujeito, e não ao objeto, é a sua qualidade estética” (Kant, 1995, pp. 49-50).

Com isso, além das definições do belo pela ótica filosófica, também é possível entender esse conceito pela perspectiva da sociologia e da psicologia. O belo é uma construção social, pois perpassa historicamente por transformações e que até hoje recebe conformações socioculturais. Com isso, Bastide (1971, p. 15, grifos do autor) relatou: “com efeito, donde vêm nossas *idéias* sobre o belo? Elas *não podem ser inatas*, pois mudam com os lugares e os tempos”, pois recebem significativas influências das circunstâncias sociais e das representações de cada época.

O estético pode ser analisado também como algo construído, sentido e legitimado de acordo com parâmetros culturais de cada povo, dos valores, das vivências. Dessa forma, o estético é um construto societário que exemplifica modos de ser, estar e sentir o mundo, sendo um lugar fértil para as interpretações e realizações socioculturais.

Entretanto, para a psicologia, o belo está ligado ao sentimental, avaliação que parte do interior de quem contempla, mas a Estética psicológica ainda parte do ponto de vista de um filósofo. “[...] foi Fechner quem formulou a ideia central das Estéticas psicológicas: a Beleza não sendo, como dissera Kant, uma propriedade do objeto, é uma espécie de uma entidade psíquica, que, portanto, deve ser estudada pela Psicologia.” (Suassuna, 2016, p. 372).

De acordo com a estética psicológica, o belo deve ser estudado pela ciência, pois, comungando do ponto de vista kantiano e pós-kantiano, a beleza é uma experiência psíquica. Ao lado de Fechner, há outro esteta, Lipps, o criador da estética da “projeção sentimental”. Criada a partir dos estudos de Freud é a mais destacada dentre as estéticas psicológicas. Para Suassuna (2016),

A ideia central da Estética da “projeção sentimental” consiste em considerar o fundamento da criação e da fruição artísticas como uma exteriorização dos impulsos interiores do artista ou do contemplador: ao criar a obra, o artista como que se metamorfoseia na obra, identificando-a consigo mesmo, com os traços profundos de sua vida psicológica interior. [...] acontece o mesmo com o contemplador: ele se identifica com ela, transforma-se nela, projetando, na obra, sua própria psicologia profunda, os movimentos de sua consciência. (SUASSUNA, 2016, p. 375).

Como vimos, é através da projeção dos sentimentos que surge para o artista e contemplador o sentido de belo. O sentimento estético parte da vida interior do sujeito. Seguindo a visão de Suassuna (2016), a pessoa cria a beleza dentro de si e projeta nela os seus sentimentos, ou seja, para psicologia, para considerar algo belo é necessário despertar sentimentos bons sobre o objeto ou pessoa.

Sendo assim, partindo das concepções discutidas acima, o belo segue algumas perspectivas distintas e divergentes do que temos atualmente. O belo para os filósofos pode ser algo que é bom, saindo do campo da estética. Se uma pessoa é considerada boa, ela possui beleza, ou também, é belo aquilo que desperta prazer em quem contempla. Já para a sociologia e a psicologia, o belo toma outra proporção, sendo algo mais palpável e sujeito a pesquisas. Porém, neste trabalho, seguimos uma perspectiva sócio-histórica. Assim, apresentamos um panorama bastante sucinto do surgimento do sentido de belo, desde Platão até os dias atuais, mantendo a perspectiva de que o belo é uma construção social ligada aos padrões hegemônicos, dentro de uma semiótica reprodutora e mantenedora desses padrões.

Em um vídeo produzido pela *BuzzFeed*, foi reunido um elenco diversificado de modelos para representar mais de 3 mil anos de padrões tidos como “ideais” de beleza, do Egito antigo ao século XXI. No Egito Antigo (1292 a.C. até 1069 a.C.), as mulheres deveriam ter cabelos longos, um rosto simétrico e magro, tendo também um corpo bem magro e alto, cinturas e ombros estreitos. Esse era o ideal de beleza naquela época, tendo em vista que as mulheres só seriam consideradas belas se estivessem totalmente inseridas nesses padrões. Na Grécia antiga (500 a.C. a 300 a.C.), a mulher para ser considerada bela teria que levar consigo características como: pele branca, seios fartos, coxas grossas e cintura larga. É notável a diferença entre uma época e outra, em uma a exigência é ser magra e na outra é ser larga.

Durante a Dinastia italiana (1400 a 1700), o ideal de beleza seria aquele arredondado, quadris largos e seios avantajados. O padrão também exigia pele branca, cabelo claro e testa grande. Na Era vitoriana (1837 a 1901), a sociedade exigia das mulheres o uso de *corsets* apertados para afinar a cintura o máximo que conseguissem, além de ser símbolo de feminilidade o cabelo longo. Os anos 1920, conhecido como “Era dos anos loucos”, recebe esse nome por imprimir uma ruptura nos padrões de beleza vigentes até então, sendo algo andrógino, sem curvas, seios pequenos e cabelos curtos – contudo, essa quebra não continha a beleza das mulheres negras. Magras ou não, o padrão continuava a ter por pré-requisito a pele branca. A década de 1920 teve esse nome pelo fato de ter sido uma grande revolução tecnológica, modernização de fábricas, o início do cinema falado, trazendo um clima de prosperidade na época.

Em 1930 - 1950, temos a Era do ouro de Hollywood, e acredito que seja nessa época que, de alguma forma, a mídia (revistas) começou a influenciar o padrão de beleza a ser seguido pelas mulheres. Atrizes como Marilyn Monroe, com seu corpo curvilíneo, cintura fina e cabelos louros, era o desejo de corpo e aparência ideais seguidos por outras mulheres. Com isso, em 1960 o padrão se inverte por influência da modelo Twiggy, magra, alta e diferente de

Monroe sem curvas, uma aparência de adolescente. As modelos e atrizes continuam influenciando o que é considerado belo pela sociedade, e 1980 é a época das supermodelos onde a *top model* Cindy Crawford era a representação da beleza daquele tempo com seu corpo alto, magro, atlético e bem torneado.

A década de 1990 traz como padrão o corpo extremamente magro de Kate Moss, mais uma época em que a influência do padrão de belo parte de mulheres que estão em ascensão social e, com isso, possuem o poder concentrado em suas mãos. Sendo isso, de acordo com análise feita à partir do vídeo discutido, é perceptível através das leituras e pesquisas que o essencial para que uma mulher seja considerada bela é ter poder, dinheiro e ser visivelmente reconhecida na sociedade.

Como vimos, os padrões mudaram muito durante todas essas épocas e a tendência é que continue mudando, e em todos esses padrões é evidente que o hegemônico branco domina, pois é algo que vai além do preconceito racial, sendo também social e histórico. Da mesma forma, é visível que, nesse padrão atual, as mulheres gordas não estão em evidência como padrão a ser seguido, tampouco as mulheres que não apresentam características de feminilidade, sendo o padrão de beleza atual, tanto quanto os demais citados, excludentes, muitas vezes fugindo do natural, exaltando características que são alcançáveis somente através de cirurgias estéticas.

Sendo assim, é construído um sistema de crenças e a ideologia da beleza é imposta, e o mito surge com a função de objetivar e tornar as mulheres obedientes. Pode-se dizer que, a mulher bela para sociedade hoje é aquela comportada, que segue os adjetivos construídos pelo outro. Sobre isso, Naomi Wolf (2019) aborda em sua obra “O mito da beleza”: “A reação contemporânea é tão violenta porque a ideologia da beleza é a última remanescente das antigas ideologias do feminino que ainda tem o poder de controlar aquelas mulheres que a segunda onda do feminismo teria tornado relativamente incontroláveis” (WOLF, 2019, p. 27).

Em virtude disso, as mulheres são dominadas pelas imagens da beleza perfeita, uma beleza que só é alcançada com dinheiro. É uma roda inventada pelo capitalismo e dominada pelos homens, e a mulher só se sentirá bela se ela estiver girando de acordo com essa roda, ou seja, a legitimação da beleza é dada pelo homem. A concepção de belo serve também para reproduzir a lógica da desigualdade, pois inventa-se o conceito de beleza para vender beleza e só se compra quem detém de poder financeiro, sendo isso inalcançável para inúmeras mulheres.

Esse padrão, que descarta as mulheres enquanto sujeitos, se estende desde a cultura de elite até a popular, é algo recorrente desde os mais remotos tempos, a mulher é

condicionada pela relação com o homem e também é validada a partir do discurso patriarcal. Com isso, podemos observar a seguinte citação: “Os homens olham as mulheres. As mulheres se observam sendo olhadas. Isso determina não só as relações entre os homens e as mulheres, mas também a relação das mulheres consigo mesmas.” A famosa citação do crítico John Berger vale para toda a história da cultura ocidental, e nos nossos dias é mais verdadeira do que nunca. (Wolf, 2019, p. 92 apud Berger, 1988).

Conforme Berger (1988), a mulher tem sua beleza validada pelo outro, deixando a sua identidade fragmentada. Isso também se dá pelo “ideal” que adquiriu uma importância obsessiva. Nas discussões de Naomi Wolf, isso se dava nas revistas, época em que as redes sociais ainda não dominavam o cenário, e atualmente é diferente com a ascensão do Instagram e suas inúmeras blogueiras. De acordo com o pensamento da autora, o mito da beleza “[...] combateu as novas liberdades das mulheres transpondo diretamente para nosso corpo e nosso rosto os limites sociais impostos à vida da mulher” (Wolf, 2019, p. 388)

Em decorrência dessa sociedade que impõe limites às mulheres através do mito da beleza, onde as mesmas encontram barreiras em uma simples entrevista de emprego, por exemplo, é necessário refletirmos sobre o nosso lugar em nosso corpo, e sobre isso a autora em discussão também aponta reflexões importantes. Nos anos 30, as mulheres questionaram sobre o seu lugar na sociedade, após adquirir direitos antes inalcançáveis, mas não conseguiram romper os mitos da beleza, da mulher perfeita que nos assombra até os dias atuais. Sobre isso, Wolf (2019, p. 388) questiona o lugar da mulher: “O que é uma mulher? Ela é o que é feito dela? A vida e a experiência de uma mulher têm valor? Se isso é verdade, ela deveria ter vergonha delas? O que há afinal de tão fantástico em ter uma aparência jovem?”.

Sendo assim, pensamos a partir das perspectivas até aqui discutidas pode-se afirmar que, a partir do momento em que as mulheres conseguirem responder esses questionamentos sem resquícios de culpa, estaremos livres do mito da beleza. Com isso, usar ou não um batom não será mais doloroso ou obrigatório, simplesmente será prazeroso, roupas e acessórios serão usados como uma forma de expressão. Dessa forma, Naomi Wolf finaliza seu livro com alguns questionamentos e enfatiza a importância da mulher se imaginar numa vida, num corpo que não tenha o peso do valor, nem a obrigatoriedade de ser belo (segundo padrões irreais) para ser valorizado.

Assim como as concepções filosóficas e teóricas, o conceito de belo é dinâmico e efêmero, pois sofreu diversas alterações em seu sentido com o passar do tempo. Com a valorização do consumo capitalista, o corpo passou a ser idealizado como um fragmento de

“carne”, onde as pessoas estão sendo levadas ao fenômeno narcisista, de forma que isso tem afetado as mulheres negras diretamente. O indivíduo volta para si mesmo de forma a se frustrar quando não alcança o seu ideal e, conseqüentemente, é levado a transtornos graves, como é descrito na obra que é pesquisada nesse trabalho.

Além disso, a influência midiática também carrega consigo a mensagem de que a beleza e o corpo perfeito são sinais de felicidade e até mesmo de bondade. Isso pode ser perceptível nos filmes, desenhos, histórias em quadrinhos, onde o vilão sempre é representado por uma feição desagradável, e o “mocinho” sempre é representado pela beleza estereotipada.

Desta maneira, observamos que a ideia do que é belo vem sofrendo variações. A partir dos estudos culturais, essa construção é vista como social, um discurso validado pela mídia, e autoras negras como Toni Morrison vêm rompendo com esses paradigmas. Com isso, o conceito de beleza tal qual o é atualmente, um modelo hegemônico europeu desejado pela sociedade atual, vem sendo questionado em suas bases, denunciando os malefícios trazidos pela busca ou desejo do sujeito feminino, em especial, as mulheres (mas não só) na busca da perfeição física. Sobre isso, discutimos no próximo tópico as questões da branquitude e negritude, adentrando mais especificamente às discussões sobre o racismo e o privilégio branco.

2.2 Branquitude e Negritude: uma discussão

A obra de Morrison nos fornece instrumentos para discutirmos e com isso tentarmos compreender o que é a branquitude e a sua contribuição para a representação dos episódios de violência sofridos pela personagem da obra.

Para melhor compreensão desse tópico, se faz necessário entender o conceito de branquitude. Os estudos sobre esse tema nasceram da percepção de que era necessário analisar o papel da identidade racial branca como elemento ativo nas relações sociais marcadas pelo colonialismo europeu. Essa percepção esteve marcada em estudos de pesquisadores como W.E. B Du Bois, Frantz Fanon, dentre outros. A branquitude é entendida como resultado da relação colonial que gerou e orientou lugares sociais para brancos e não brancos Assim, de acordo com o sociólogo Valter Silvério:

Esta consciência ou experiência branca pode ser definida como uma forma sócio-histórica de consciência nascida das relações capitalistas e leis coloniais, hoje compreendida como relações emergentes entre grupos dominantes de subordinados.

Essa branquitude como geradora de conflitos raciais demarca concepções ideológicas, práticas sociais e formação cultural, identificadas com e para brancos como ordem 'branca' e, por consequência, socialmente hegemônica. (Silvério, 2002, p. 240-241).

Sendo assim, a branquitude significa pertença étnico-racial atribuída ao branco, e não meramente um resultado da relação colonial. A mesma pode ser também definida como o construto ideológico de poder que nasceu no contexto do projeto moderno de colonização europeia. Como pondera Muller e Cardoso (2018, p. 13), podemos entendê-la [a branquitude] como lugar mais elevado da hierarquia racial, um poder de classificar os outros como não brancos, dessa forma, significa ser menos do que ele. Ser branco se expressa na corporeidade, isto é na brancura e vai além do fenótipo, consistindo em ser proprietário de privilégios raciais simbólicos e materiais.

Isso induz a reflexão sobre qual a raça do branco, ou se o branco tem raça, e várias explicações sobre o racismo reafirmam a existência da supremacia branca. Essa dominação é definida pela dominação exercida pelas pessoas brancas, assim como foi mencionado, em todos os âmbitos sociais. Ou seja, uma característica forte do racismo é a dominação de um determinado grupo racial sobre outro, e por isso esses aspectos são analisados pelas lentes da teoria da branquitude.

Sobre isso, Silvio de Almeida (2020), diz que:

Assim como o privilégio faz de alguém branco, são as desvantagens sociais e as circunstâncias histórico-culturais, e não somente a cor da pele ou o formato do rosto, que fazem de alguém negro. Características físicas ou práticas culturais são apenas dispositivos materiais de classificação racial que fazem incidir o mecanismo de distribuição de privilégios e de desvantagens políticas, econômicas e afetivas. (Almeida, 2020, p. 62)

Assim, de fato as circunstâncias sociais são de grande peso para a discriminação racial. Essa dominação perpetua nos negros, sendo um método para diminuir, submeter e humilhar por parte de uma sociedade dominante e excludente. Ao subjugar a população negra, a hegemonia branca marca sua diferença e com isso define o que é aceito e agradável. Sobre isso, Joice Berth (2018) afirma que:

Temos então, nesse campo, um elemento importante nos processos de dominação de grupos historicamente oprimidos, pois uma vez que se cria padrões estéticos pautados pela hierarquização das raças ou do gênero, concomitantemente criamos dois grupos: o que é aceito e o que não é aceito e, portanto, deve ser excluído para garantir a prevalência do que é socialmente desejado (Berth, 2018, p. 92).

Assim, de fato o desejo de pertencer ao que é considerado “padrão” cria no sujeito negro um ódio de si mesmo, e sobre isso argumenta Fanon (2008), pois é gerado o desvio de conduta psicossocial e identitário. Isso faz com que o negro idealize uma possível felicidade somente quando faz parte da realidade branca.

Sobre isso, Neusa Santos Souza (2008) nos diz que:

[...] as inúmeras barreiras à conquista da ascensão social encontradas pelo negro, contribuíram para ampliar o fosso que o separava de sua identidade enquanto indivíduo e enquanto grupo. Herança da sociedade escravocrata, a desigualdade racial, que colocava o negro a reboque das populações nacionais, era preservada e reforçada pelo preconceito de cor que funcionava como mantenedor da hegemonia branca nas relações inter-raciais. (Souza, 2008, p. 29)

Isso traz ao negro uma imagem criada pelo branco, onde o negro reconhece a sua inferioridade incluindo a estética – tornando o romance de Morrison e a criação da personagem Pecola ainda mais pertinentes, pois não ser branca e não ter olhos azuis é fator de angústia da personagem em questão. Por isso é importante destacarmos da mesma forma que a branquitude significa poder, a negritude é uma forma de reconhecimento d identidade negra e se refere à história desses sujeitos que buscam identidade e autorespeito - e é sobre esse aspecto que iremos discutir agora.

De acordo com Kabengele Munanga (2009): “Em primeiro lugar é importante frisar que a negritude, embora tenha sua origem na cor da pele negra, não é essencialmente de ordem biológica” (Munanga, 2009, p. 19). Isso nos leva a entender que a junção de histórias também é um fator de grande relevância, sendo que a cor da pele não é o primordial dessa ligação, mas sim terem sido vítimas das piores tentativas de desumanização. É algo para além da cor da pele, são junções de histórias, de pessoas que sofreram e sofrem as mesmas opressões, inseridas nesse cenário que une histórias e pessoas.

Essa concepção de raça, como já foi mencionado, foi reforçado e amplificado pelo empreendimento colonialista, servindo como síntese para a classificação de grupos humanos a partir de uma visão eurocêntrica colonial. O negro torna-se sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade distinta, assim, as raças colonizadas foram então relegadas à condição de desprovidas. Sobre isso, Neusa Santos Sousa também discute:

Sinônimo de pureza artística; de nobreza estética; majestade moral; sabedoria científica etc. O belo, o bom, o justo e o verdadeiro são brancos. (...) A manifestação do Espírito, da Idéia, da Razão. O branco, a brancura, são os único artífices e legítimos herdeiros do progresso e desenvolvimento do homem. Eles são a cultura, a civilização, em uma palavra, a “humanidade” (Sousa, 1983, p. 5).

De acordo com a visão da autora, a colonização foi implementada além das vias de trabalho, e se deu também pela parte cultural. Com isso, o fator estético tem grande relevância nessa discussão, onde o negro é visto de maneira inferior ao branco pela cor e pelos traços. Do mesmo modo, a dominação de um grupo social implica em diversas formas de manipulação e imposição, tais como a desvalorização da religião trazida pelos negros em detrimento das religiões locais, a imposição de tribunais e procedimentos legais trazidos da Europa em detrimento dos costumes e leis locais, imposição de padrões de beleza que visavam diminuir e humilhar os outros grupos étnicos que fossem diferentes do branco - essas e outras ações proporcionavam privilégios para o grupo dominante.

Com esse propósito de inferiorização, pela ótica da sociedade europeia, somente os brancos e suas culturas são bem tratados e considerados importantes. Sobre isso, mais uma vez compartilhamos da ideia da autora Neusa Santos Sousa.

Foi com a disposição básica de ser gente que o negro se organizou para a ascensão, o que equivale dizer: foi com a principal determinação de assemelhar-se ao branco – ainda que tendo que deixar de ser negro – que o negro buscou, via ascensão social, tornar-se gente (Sousa, 2019, p.28-29).

Esse desejo de pertencer ao que é difundido e aceito como ideal e bonito cria no sujeito negro uma espécie de ódio de si mesmo. Fanon, em *Peles Negras, Máscaras Brancas* (2008), discute amplamente a “psicopatologia do negro” que induz estes sujeitos à crença de que apenas pertencendo a realidade branca poderão ser felizes. Portanto, a negritude como símbolo de luta busca retirar o negro de posição de inferioridade para amenizar a visão distorcida do sujeito negro sobre si mesmo.

Na sociedade, essa dor e esse desejo de pertencimento ao mundo dos brancos, de deixar de viver à margem, leva a cuidados estéticos tais como o alisamento do cabelo, o branqueamento da pele, afinamento do nariz - modificações encontradas pela população negra para ser aceita pelos padrões que a excluem. O cabelo é o símbolo mais forte da identificação do negro, e é a primeira identificação étnico-racial da qual principalmente a mulher negra tenta se esquivar -. Essas posturas representam imitações da aparência do grupo branco dominante e, com frequência, indica um racismo interiorizado, um ódio a si mesmo que pode ser somado a uma baixa autoestima (Hooks, 2005, s/p). Por razão da valorização da estética física feminina e de condições históricas e sociais, as mulheres negras foram as principais afetadas por essa ideologia de beleza, onde somente o cabelo liso era considerado bonito. O racismo e opressão sofridos desde pequenas, e a semelhança do negro ao negativo faz com que o ódio e aversão a si mesmas crescessem torrencialmente, fazendo com que ao

tentar se assemelhar ao branco, assim como bem foi enfatizado anteriormente, o negro perca um pouco de sua identidade.

Essa questão, representada no romance de Morrison por meio de sua personagem Pecola, nos mostra a crueldade desses padrões estéticos para qualquer sujeito que não corresponda a eles – e como a negritude tem papel fundamental no resgate da beleza negra e do reconhecimento e difusão da representação dos homens e das mulheres negras como seres belos, cuja representatividade influenciará as novas gerações, aumentando sua autoestima. Com isso, esse tópico ainda não se encontra finalizado, pois ainda será discutido com afinco como essa questão de branquitude e negritude se dá na obra de Morrison.

2.3 O “Olho mais azul”

O olho mais azul, diferente do que o título sugere, uma vez que comumente associam-se olhos azuis à pele clara, narra a história de Pecola Breedlove, uma menina negra marcada por uma série de conflitos intrínsecos e extrínsecos associados ao seu estar no mundo.

Vítima de uma onda de preconceitos, a jovem protagonista cresce como uma estranha em seu próprio corpo, assim, diante dos problemas com sua imagem Pecola sonha em ter/ser o olho mais azul. Assim como os olhos de Shirley Temple e das garotas-propaganda das embalagens e das bonecas da moda, talvez com os olhos azuis ela não se sentisse tão feia, seus pais a amariam mais e seus colegas a desprezariam menos.

Embora morasse num bairro pobre, no qual a maioria das pessoas eram negras, para além das dificuldades financeiras, ela enfrenta uma onda de preconceitos associada ao colorismo, uma vez que ela descrita como uma negra muito negra.

O romance traz uma série de conflitos arrebatadores, pois no centro da narrativa está a personagem que é menina, é negra e pobre, ou seja, estamos diante de alguém completamente vulnerável e negligenciado pelos adultos à sua volta.

O livro é marcado por um ciclo de violência que perpassa a história dos antepassados da garota. Seus pais que, por sua vez, foram negligenciados pelos pais, repetem a mesma história. Dessa forma, a menina é filha de uma mãe que se submete a um relacionamento abusivo com um homem alcoólatra, que já esteve preso, e que estupra e engravida a própria filha, Pecola.

Ambientado no início da década de 1940, a obra traz uma série de questões associadas ao racismo, num contexto em que a segregação racial ainda era algo persistente. O livro é narrado por Cláudia, uma amiga de Pecola que também passa por uma série de conflitos como os vivenciados pela protagonista, que a levam a nutrir um sentimento de ódio pelas pessoas brancas.

Desde os onze anos de idade Pecola vive um processo de (auto)destruição, por trás do desejo de ser outra pessoa, o desejo de ser amada e aceita. Ela não conheceu o amor. Numa cena em que a garota enxerga sua mãe dando carinho para as crianças brancas da casa na qual trabalha somos arrebatados para o centro do romance.

Nasce assim um desejo obsessivo de ser uma garota branca, de ter olhos como os da atriz Shirley Temple, e os das garotas que ela via nas propagandas e também das bonecas da moda. Ela passa a imaginar que com os olhos mais azuis ela não seria tão feia e seus pais não brigariam tanto, seriam arrebatados por seus lindos olhos.

Numa vida marcada pela exclusão, ela acredita que os olhos a ajudariam também na escola, pois não sofreria as importunações dos colegas e seria vista e reconhecida pelos professores. Diante da barbárie de sua vida, o olho mais azul seria sua redenção, a única forma de sobreviver à exclusão.

Contudo, o que diferencia a existência da narradora Cláudia, sua irmã Frieda da de Pecola Breedlove, é o amor. A configuração familiar mais sólida que a de Pecola afeta diretamente na maneira como essas irmãs enfrentam o mundo, e uma sociedade extremamente racista nos EUA em 1940. De início, Pecola se muda para casa das garotas, uma lar temporário. Com essa oportunidade, é possível ouvir a voz de Pecola através de Cláudia, através dela conheceremos a história de sua amiga.

2.4 Toni Morrison: uma vida

O nome de berço da autora Toni Morrison é Chloe Anthony Wofford, e nasceu em Lorain, Ohio, nos Estados Unidos da América, em 1931. Filha de um soldador e de uma dona de casa, foi a segunda filha de quatro irmãos, viveu sua infância em uma vizinhança miscigenada e na escola se destacava por meio de seus talentos. De acordo com a biografia descrita box de livro da edição Tag Experiências Literárias, teve incentivo para leitura desde cedo em casa, pois encontrava na leitura forças e motivo para prosseguir, e com isso teve contato com grandes autores, ler era um ato revolucionário.

Chloe e seus irmãos passavam tardes inteiras ouvindo a mãe cantando juntamente com o avô no violino. À noite, eram agraciados com narrativas folclóricas e encorajados a recontarem as histórias pelas suas perspectivas. Ao sair de Ohio enfrentou outra realidade principalmente devido ao racismo, teve uma exitosa passagem escolar e na fase adulta partiu para a universidade de Howard, em Washington, onde estudou inglês e literatura clássica.

Já na universidade, a autora projetava uma utopia intelectual negra, porém ela se depara com uma cidade segregada onde ela não podia frequentar certos espaços. Porém, Morrison não desiste de sua carreira acadêmica e, em 1953, iniciou seu mestrado em literatura na Universidade Cornell, em Ithaca, Nova York. Nesse tempo, se casou, teve seu primeiro filho e separou-se ainda grávida do seu segundo filho. Com isso, Toni teve que encontrar saída para sustentar seus filhos na condição de mãe solteira, após isso, inicia o trabalho em uma editora.

Toni Morrison trata em sua bibliografia sobre assuntos bastante pertinentes à comunidade em que estava inserida, ecoando em todo mundo negro. Sobre isso, Salgueiro (2004) ressalta:

Em suas obras são inúmeros os traços autobiográficos, e ao discutir personagens negros na sociedade norte-americana, ela critica uma sociedade massificada e massificadora, dominada por órgãos de mídia que só mostram o que interessa ao sistema majoritário vigente e que destroem culturas locais e traços culturais de longa data (Salgueiro, 2004, p. 57).

Nesse sentido, inspirada pelo novo universo em que estava fazendo parte e inspirada em uma marcante lembrança de sua juventude, a autora escreve pacientemente por cinco anos até que, em 1970, publicou *O olho mais azul*.

Morrison publicou 10 livros de ficção *O olho mais azul* (1970), *Sula* (1974), *Song of Solomon* (1977), *Tar Baby* (1981), *Amada* (1987), *Jazz* (1992), *Paraíso* (1999), *Amor* (2003), *Compaixão* (2008), *Voltar para casa* (2012) e *God help the child* (2015), além de livros infantis e de não-ficção. Suas obras abordam a vida dos afro-americanos, suas dificuldades e a maneira como a sociedade branca o percebe.

Toni Morrison trata em sua literatura de assuntos pertinentes sobre a comunidade negra estadunidense, mas que ecoam em todo o mundo negro. Dessa forma, ela trata sobre a luta para enxergar-se como um ser digno de amor e respeito, tratando também da dificuldade que o sujeito negro encontra em assumir sua identidade.

A escrita de Toni Morrison é uma volta no passado e um olhar para o presente possibilitando uma discussão sobre o que é a América e como ela lança seu olhar sobre a população negra, as consequências que a escravidão deixou e o que pode ser feito para que

essa realidade seja modificada. A autora aborda, além das relações raciais que surgiram com a escravidão, como isso se perpetua até os dias de hoje em relações sociais e afetam principalmente as crianças negras. Sobre isso, *O olho mais azul* discute o lugar do negro na sociedade e como esse lugar ainda é marcado por dor e segregação.

Em suas obras são inúmeros os traços autobiográficos, e, ao discutir personagens negros na sociedade norte-americana, ela critica uma sociedade massificada e massificadora, dominada por órgãos de mídia que só mostram o que interessa ao sistema majoritário vigente e que destroem culturas locais e traços culturais de longa data (SALGUEIRO, 2004, p. 57).

Sobre isso, é evidente que Morrison escreve sobre o que ela mesma vive, assim como Conceição Evaristo aborda, é a *escrevivência*³ de uma mulher negra que viveu em uma sociedade racista sobre que lugar deve ser ocupado por ela. As personagens criadas por Morrison revelam a dificuldade que é ser mulher e negra numa sociedade excludente, porém são personagens/mulheres que lutam para adquirir espaço e se auto-afirmarem mesmo tendo pouco espaço.

Analisando suas obras é possível perceber a ênfase que a autora disponibiliza na vida de suas personagens negras, alcançando tanto as com experiências felizes quanto trágicas. A narrativa de Morrison proporciona discussões sobre identidade e o pertencimento da comunidade negra estadunidense no território que lhe fora imposto e negado ao mesmo tempo. Walter afirma que para Morrison uma das narrativas centrais do povo negro é “o deslocamento enquanto violência física e epistêmica” (Walter, 2009, p. 152).

Toni Morrison afirma em uma entrevista que o mais importante no processo de escrita deve ser a cumplicidade entre a narrativa e o leitor.

Para fazer a história parecer oral, serpenteando, fácil, falada - para que o leitor sinta o narrador sem identificar este narrador ou ouvi-lo(a) bater na porta, e para que o leitor trabalhe com o autor na construção do livro - é o que é importante. O que é deixado de fora é tão importante quanto o que está dentro [Tradução Nossa] (Morrison apud McKenzie, 2004, p. 221).⁴

Essa é uma estratégia utilizada pela autora para gerar uma aproximação do leitor a sua obra, de forma que a partir de análises é perceptível que não é considerada uma linguagem formal, pois a preocupação é repassar a cultura negra em sua escrita.

³ **Conceição** cunhou um termo para sua literatura, comprometida com a condição de mulher negra em uma sociedade marcada pelo preconceito: **escrevivência**. O termo aponta para uma dupla dimensão: é a vida que se escreve na vivência de cada pessoa, assim como cada um escreve o mundo que enfrenta.

⁴ [t]o make the story appear oral, meandering, effortless, spoken, - to have the reader feel the narrator without identifying that narrator or hearing him or her knock about, and to have the reader work with the author in the construction of the book - is what's important. What is left out is as important as what is there (MORRISON apud MCKENZIE, 2004, p. 221).

3. ANÁLISE: O BELO PELA ÓTICA DE TONI MORRISON

O olho mais azul (2019) é uma obra relevante para os estudos raciais por tratar de temas como o racismo e a opressão. Foi escrito pela autora Toni Morrison, primeira mulher negra a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura em 1993. O nome de berço da autora é Chloe Anthony Wofford, e ela nasceu em Lorain, Ohio, em 1931. Toni Morrison viveu sua infância em uma vizinhança miscigenada, e na escola se destacava por seus talentos. Em 1953 inicia seu mestrado em literatura, e logo depois a escrita de seu primeiro livro, *O olho mais azul*. Mesmo sendo alvo de censura por tratar de temas polêmicos para a época, essa obra foi de grande relevância para a autora, o livro levou Morrison ao reconhecimento no meio literário.

A narrativa apresenta a vida de Pecola Breedlove, que apesar de seu sobrenome ter a junção de *Breed* e *Love*, algo como “procriar” e “amor”, no romance ela não recebe amor de seus iguais, e nem dos que a geraram. Pecola é uma criança negra que sofre várias formas de rejeição de sua família e da sociedade, sendo elas causadas pelo racismo, pelo desprezo, além de sofrer abuso sexual do pai. Ao abusar da filha, Cholly acreditava estar fazendo um favor à menina, dando-lhe o que ela mais desejava, uma espécie de carinho que faltava, e foi o que a destruiu.

Pecola é exposta a episódios de racismo e de rejeição pela sua aparência, e é caracterizada por uma feiura que toma dela o direito de ser amada e respeitada por aqueles que a cercam. Em casa, no bairro e na escola, a personagem é perseguida por esse trauma e isso faz com que ela tenha resistência à sua própria aparência, mas, especialmente, por não ter os olhos azuis e, dessa forma, não se encaixar no padrão de beleza de uma sociedade branca e racista.

A obra foi publicada pela primeira vez em 1970. Inicialmente, o romance não foi bem recebido pela crítica literária por ser uma literatura produzida por uma mulher negra e por conter temas densos, dentre eles o abuso sexual. Com isso, a obra foi censurada em escolas e espaços acadêmicos da época. Todavia, isso não impossibilitou o reconhecimento da autora e da obra, a levando, como já foi mencionado, a receber prêmios literários pela publicação.

Este artigo insere-se nos estudos sobre o conceito de belo e feio trabalhados na obra pela perspectiva da Toni Morrison. A análise proposta passará por teorias que abordem a temática do Belo e da construção dos padrões de beleza na sociedade ocidental. O ponto central é o incômodo da personagem com sua aparência.

O romance de quatro capítulos tem como cenário a cidade de Lorain, estado de Ohio, e é narrado por Cláudia MacTeer, uma narradora-testemunha, que observa tudo o que ocorre

na vida de Pecola e de seus familiares. Apesar de Cláudia também ser uma criança negra, vive em uma família estruturada e não se deixa influenciar pelo preconceito racial da classe branca. Cláudia mostra ao leitor como uma criança negra pode ser criada consciente de sua beleza e não ser guiada por padrões culturais e estéticos difundidos pela sociedade branca.

O presente estudo pauta-se nos estudos culturais e raciais, baseados em pesquisadores como Frantz Fanon (2008), um autor influente dos estudos pós-coloniais, Homi Bhabha (1998), indiano, professor universitário, escritor e um dos maiores pensadores dos estudos pós-coloniais, Stuart Hall (2005), teórico cultural que contribuiu grandemente com suas obras para os estudos da cultura, dentre outros.

Assim, discutiremos o mito da beleza branca, e o padrão hegemônico do belo difundido principalmente pelos Europeus, a partir dos quais os padrões de beleza feminina foram disseminados, determinando como belo a pele branca, os olhos e cabelos claros e a estrutura corporal magra e esguia. O impedimento biológico de pertencer a esse grupo cujos padrões estéticos são modelos para outras mulheres afetam a personagem da obra analisada, e essa impossibilidade atua de maneira desastrosa em sua infância.

É necessário, portanto, refletir sobre a questão da ditadura da beleza para analisar a personagem e entender o porquê de seu maior desejo é ser branca e ter olhos azuis. Para isso, esse artigo será norteado por alguns questionamentos: (1) o que leva a mulher negra almejar um padrão de beleza predominantemente branco sem levar em conta seu biotipo? e (2) o que é considerado belo e feio na visão da autora? Toni Morrison discute essas temáticas na obra, bem como as consequências dessa opressão estética na vida de uma mulher negra.

3.1 O belo pela perspectiva filosófica

Para iniciar a discussão sobre o belo na obra de Morrison, é necessário partir de onde esse conceito foi primeiramente discutido e quais caminhos percorreu para alcançar a atual definição. Para tanto, será considerada a relação entre filosofia e estética, pois foram os filósofos os primeiros a pensar o conceito do belo, por isso a importância de incluir os conceitos da filosofia sobre a temática aqui discutida, trazendo as contribuições sobre o tema a partir de Platão (2003) e Kant (1995).

Antes de Platão, o belo, conceituado filosoficamente, era ligado ao bem, tratando da noção grega de *kalokagathós*: belo e bom. Com Platão, o belo adquire autonomia em relação

ao que é bom, embora apareça muitas vezes associado a esse termo, como ocorre, por exemplo, no diálogo com Agatão no *Banquete*: “o que é belo é bom⁵”

O filósofo trata de um sentido de belo que está imune às transformações que ocorre, é uma beleza relacionada ao sentido. No *Fedro*, é possível notar:

[...] sobre a beleza, como dissemos, dentre aqueles [seres] ela brilhava em seu ser, e aqui vindos nós a percebemos através dos mais claros dos nossos sentidos, a fulgir com a máxima claridade. Pois a vista é a mais aguda das percepções que nos vêm pelo corpo e, no entanto, por ela a inteligência não se vê [...] e tudo mais que é amável; mas agora só beleza teve esta sorte de ser o que há de mais evidente e mais amável⁶ (250c-d).

Esse contato com os sentidos é o pressuposto para a discussão de Platão no diálogo estabelecido em sua obra *O Banquete*, na qual é feita a relação do belo com o bom, e do belo com o sentido de amor.

Para Immanuel Kant (1995), nas palavras de Suassuna, o belo é interior a cada pessoa, e está relacionado à fruição e à percepção intuitiva. Kant defende a ideia de um conceito de beleza livre, concebida a partir de um prazer desinteressado. Assim, para Suassuna, “o Belo de Kant” se manifesta como um sentimento de prazer obtido na contemplação: “[...] quando o sujeito emite um juízo estético, não está exprimindo um conceito decorrente das propriedades do objeto, mas apenas uma sensação de prazer (ou de desprazer) que experimentou diante do objeto” (Suassuna, 2016 p. 72).

Dessa forma, é acentuado um juízo de gosto diante da arte, porém, esse juízo não possibilita explicitar a finalidade de uma determinada obra, o porquê um quadro foi pintado, por exemplo. É sentindo um prazer estético diante do que se contempla, como afirma Kant:

Logo, é na capacidade universal de comunicação do estado da mente na representação dada que, como condição subjetiva do juízo de gosto, deve estar fundamentado esse juízo e ter como consequência o prazer face ao objeto (Kant, 1995, p. 61).

Essa liberdade está associada à imaginação, sabendo que, de acordo com o pensamento de Kant, não se pode afirmar que o juízo de gosto esteja atrelado às funções reguladoras e legisladoras das faculdades que compõem o pensamento humano, porém são ligadas às faculdades intelectuais. Desta forma, é necessário o indivíduo aplicar uma percepção estética sobre o que é belo ou não.

Pode-se afirmar que para Kant o belo é determinado pelo juízo de gosto, a reação do sujeito ao objeto, e não algum aspecto ligado a uma propriedade do objeto. A beleza está internalizada em quem contempla o objeto, e exprimir valor estético está diretamente ligado à

⁵ Tradução de Donald Schuler

⁶ Tradução de J. Cavalcante Souza.

individualidade de cada um. Pondera Kant: “aquilo que é puramente subjetivo na representação de um objeto, isto é, o que constitui a sua relação ao sujeito, e não ao objeto, é a sua qualidade estética.” (Kant, 1995, pp. 49-50).

Desta maneira, é observável que a ideia do que é belo vem sofrendo variações, e a partir dos estudos culturais essa construção é vista como social, um discurso validado pela mídia, e autoras negras como Toni Morrison vêm rompendo com esses paradigmas. Com isso, se tem alcançado o conceito de beleza tal qual o é atualmente, um modelo hegemônico europeu desejado pela sociedade atual. Assim, o conceito do que seja belo sofreu alterações desde a abordagem do pensamento filosófico grego aos discursos normativos da atualidade.

3.2 Sobre o belo no olhar de quem condena⁷

A edição utilizada para a escrita dessa pesquisa conta com o posfácio da autora, em que Morrison relata ter conhecido uma Pecola, uma menina negra que almejava ter olhos azuis e isso a incomodou a ponto de construir a narrativa *O olho mais azul*.

O “olho mais azul” foi minha tentativa de dizer alguma coisa sobre isso; dizer algo sobre por que ela não tinha, ou talvez nunca viesse a ter, a experiência do que possuía e também por que rezava por uma alteração tão radical. Implícita em seu desejo estava a aversão por si mesma, de origem racial. [...] Quem disse a ela? Quem a fez sentir que era melhor ser uma aberração do que ser o que ela era? Quem a tinha olhado e a achado tão deficiente, um peso tão pequeno na escala da beleza? Este romance busca relances do olhar que a condenou” (Morrison, 2019, p. 215, 216).

O anseio de Morrison é bastante pertinente, pois questiona o quanto os mitos construídos sobre os padrões físicos aceitos como belos influenciam na formação do sujeito negro, principalmente das mulheres negras. Os padrões de beleza impostos às mulheres, seja em 1960, quando o livro começou a ser escrito, ou até os dias de hoje, é questionável, pois, ignora outras formas de beleza que não as das europeias. Dessa forma, há uma supervalorização da estética e características físicas dos povos negros, mestiços ou não brancos em oposição à valorização dos traços e características dos povos brancos.

O romance cumpre com o preconizado por Antonio Candido (1988), para quem o papel da literatura é humanizar. Assim, essa narrativa tem o poder de fazer com que o leitor questione o porquê da existência de um padrão de beleza capaz de prejudicar o membro mais delicado da sociedade: uma criança. Porém, ao contrário do postulado por Candido, a autora

⁷ O título desta seção é uma paráfrase inspirada em uma citação da autora na obra, cuja versão é “Sobre o olhar de quem condena”.

afirma que ainda assim “[...] muitos leitores se sentem tocados, mas não instigados” (Morrison, 2019, p. 217).

A mulher negra segue vivendo uma escravidão. Antes tinha sua mão de obra explorada e seu corpo abusado tanto pelos brancos como pelo seu próprio companheiro negro. Após a abolição da escravidão, a mulher continuou nessa espécie de cárcere, sendo privada de frequentar os mesmos lugares que a mulher branca, e conseqüentemente não tendo o mesmo privilégio para a ascensão social. No romance, Morrison destaca a questão da escravidão da mulher negra:

Todo mundo podia lhes dar ordens. As mulheres brancas diziam “Faça isso”. As crianças brancas diziam “Me dá aquilo”. Os homens brancos diziam “venha cá”. Os homens negros diziam “Deita”. As únicas pessoas de quem não precisavam receber ordens eram as crianças e as outras mulheres negras. Mas elas pegaram tudo isso e recriaram à sua própria imagem. Administravam a casa dos brancos e sabiam disso. Quando os brancos espancavam os seus homens, elas limpavam o sangue e iam para casa receber maus-tratos da vítima (Morrison, 2019, p. 145).

A autora representa a mulher negra sempre subordinada pelo patrão, pelo esposo, pelos filhos e pela sociedade. Como consequência dessa sociedade, cujo elemento menos empoderado é a mulher negra, Pecola é oprimida pelo ideal de beleza difundido pelos europeus desde o início do professo colonial e escravagista, em que as meninas se comparam esteticamente a bonecas loiras dos olhos azuis.

O discurso difusor do ideal e do belo é construído a partir das mídias, escola, religião e também por brinquedos, como é descrito na obra: “Adultos, meninas mais velhas, lojas, revistas, jornais, vitrines – o mundo todo concordava que uma boneca dos olhos azuis, cabelo amarelo e pele rosada era o que toda menina mais almejava” (MORRISON, 2019, p. 30).

Essa absorção do padrão dominante de beleza instituído pela figura da Shirley Temple, a boneca admirada por Pecola, sendo algo tóxico para a garota, alterando até mesmo seu comportamento. Um exemplo é a caneca onde Pecola toma o leite, não porque gosta, mas porque lhe permite admirar a figura que decora a caneca e é seu ideal de beleza. “Ela demorou um longo tempo para tomar o leite, olhando ternamente para a silhueta do rosto com covinhas de Shirley Temple” (Morrison, 2019, pp. 28-29).

A formação das três meninas, Cláudia, sua irmã, Frieda e Pecola, são paralelas, e a trajetória de cada uma reverbera nas das outras. Ao narrar a vida de Pecola, Cláudia compreende o seu lugar na sociedade enquanto mulher e como negra, um local diferente daquele ocupado pelo homem negro e pela mulher branca. Pecola, por sua vez, vivencia um

desconhecimento do seu eu e busca ser validada através do olhar do outro, fato que interferiu em sua própria identidade.

Durante muito tempo a sociedade hegemônica branca determinou que a população negra ocupasse um lugar identitário específico, sendo representada como o outro, o marginalizado, o estrangeiro, e somente essa população tendo espaço para definir o que é normal, aceitável, belo, artístico, dentre outras coisas.

De acordo com Hall, o conceito de identidade varia a medida em que as sociedades se modificam, interagem, assimilam traços culturais, gerando formas híbridas de identificação do sujeito. Conforme postulado abaixo, a compreensão de que o indivíduo não é uno, mas complexo e multifacetado contribuiu para a compreensão do sujeito branco, permitindo que esse estivesse atento às maneiras novas de se perceber em sociedade.

O afastamento das singularidades de “classe” ou “gênero” como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno (Bhabha, 2013, p. 20).

Essa multiplicidade de identidades, muitas vezes leva o sujeito a questionar o seu próprio eu. No entanto, em uma sociedade racista como a da época em que a personagem Pecola vivia, por exemplo, ao negro quase sempre era negada sua identidade originária, tendo até mesmo sua nacionalidade, seus desejos, sentimentos e percepções apagadas. Pecola, protagonista aqui analisada, é sempre descrita como um sujeito marginal, permanecendo e vivendo nas adjacências da classe dominante e branca.

Na obra, a dominação do branco sobre o sujeito negro se dá desde a mãe da personagem. Pauline trabalha em casa de família branca e sente mais prazer em ninar os filhos dos patrões do que cuidar da própria filha. Pauline é seduzida pela branquitude, e tudo que envolve a casa e a família que ela serve a faz preferir aquele espaço ao de sua própria casa. “Naquela casa ela tinha poder, elogios e luxo. Até lhe deram o que nunca tivera, um apelido – Polly.” (Morrison, 2019, p. 135). Ao leitor fica claro que Pauline almeja a vida dos brancos, incomparavelmente melhor do que a sua. Tudo aquilo que cerca o branco lhe agrada mais, até mesmo as crianças brancas.

Dentre as personagens femininas negras, Claudia, a narradora, uma menina de 9 anos é a única a não aceitar ser tratada de forma diferenciada por ser negra. Ela acredita não existir razão, não aceitando a marginalização que lhe desejam impor. Morrison (2017) pondera sobre a questão de a alteridade ser afirmada pela diferença e que é algo a se temer, em especial se há

uma hierarquização dessas diferenças, de tal forma que tudo aquilo que se difere do ideal imposto pelas classes hegemônicas seja tido como perigoso, anormal, feio, não aceitável.

Por esse viés, é inculcado à sociedade a criação de regras que estabelecem o que pode ser aceito e normal, estabelecendo padrões dominantes e alienando aqueles que não correspondem a idealização de sujeito imposto pelo sujeito dominante. É dessa forma que a personagem Pecola se visibiliza pela aprovação do outro, pois ela é um sujeito que difere do ideal do padrão de beleza.

Nessa perspectiva, a identidade é influenciada pela sociedade e também moldada pela diferença. De acordo com Hall: “as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela” (Hall, 2012, p. 110). Quem decide o que é divergente, são aqueles que detêm o poder. O negro só existe porque ele foi definido por uma classe dominante, o negro é uma construção social, como diz Fanon (2008). O sujeito branco ditou e definiu os termos raciais para garantir a sua superioridade.

Essa dominação e preconceito não são restringidas somente ao intelecto do negro, mas a todas as características físicas. Esse fato fica evidente pelo olhar de Morrison quando descreve as características físicas da família de Pecola:

Os olhos, pequenos e muito juntos, testa estreita. O contorno do couro cabeludo baixo, irregular, que parecia ainda mais irregular pelo contraste com as sobrancelhas retas e densas que quase se juntavam. Nariz afilado, mas arqueado, com narinas insolentes. Tinham maçãs do rosto altas e orelhas de abano. Lábios bem-feitos que chamavam a atenção não para si, mas para o resto do rosto. A gente olhava para eles e ficava se perguntando por que eram tão feios; olhava com atenção e não conseguia encontrar a fonte (Morrison, 2019, p. 48).

Representações negativas que a sociedade hegemônica não desejava para si são estendidas à Pecola e sua família. É perceptível que Morrison trouxe, através de sua narrativa, o sofrimento de autorrejeição e negação do negro mediante a construção de seus personagens. Ao se deparar com essa situação e de aceitá-la o negro busca formas de fugir dessa realidade, sendo esse o caso de Pecola ao almejar os olhos azuis, para assim conseguir ser aceita pela sociedade.

Toda noite, sem falta, ela rezava para ter olhos azuis. Fazia um ano que rezava fervorosamente. Embora um tanto desanimada, não tinha perdido a esperança. Levava muito, muito tempo para que uma coisa maravilhosa como aquela acontecesse. Lançada dessa maneira na convicção de que só um milagre poderia socorrê-la, ela jamais conheceria a própria beleza. Veria apenas o que havia para ver: os olhos das outras pessoas (Morrison, 2019, p. 56).

O desejo do colonizado, nesse caso Pecola, o de ascender, é pautado na crença de que a única forma de se tornar visível é se igualar ao colonizador. De acordo com Fanon (2008, p. 34), “todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana”. Esse tipo de atitude é dimensionada a partir de uma admiração que faz o negro rejeitar sua própria cultura e valores em favor do que é considerado como ideal, pois as sociedades marginalizadas desejam sair dessa posição de inferioridade e tornar-se metrópole.

Ao querer ter os olhos clareados para se parecer com o branco, Pecola se torna refém do racismo, e a busca por esse ideal de brancura impossível a coloca em lugares de conflitos difíceis de serem reconciliados. Não se aceitar ou se autorrejeitar é frustrante e deprimente.

Começo a sofrer por não ser branco, na medida que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja mais um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco (Fanon, 2008, p. 94).

Dessa forma, a rejeição de si mesma potencializa em Pecola uma frustração por não conseguir alcançar o seu objetivo. E mesmo a personagem ainda sendo uma criança esses episódios de revolta são frequentes na narrativa, sendo levada ao nível de falta de sanidade mental por não alcançar os olhos azuis.

Assim, a vida de Pecola narrada por Claudia é dolorosa e dialoga com a realidade de outras “Pecolas” em diferentes lugares. A barreira racial que é imposta para evidenciar uma superioridade branca faz com que meninas como Pecola adoeçam alimentando uma expectativa irreal e tóxica.

A luta por ser (re)conhecida fez com que Pecola se autorregulasse pelo olhar do outro, tendo assim a sua concepção de *self* danificada, por isso é perceptível que a literatura de Morrison é pautada na negação desse olhar de fora. Dessa forma, ao excluir o olhar do outro sobre o negro, a autora narra a partir da perspectiva da pessoa negra, é onde Claudia conta a sua história, a de Pecola e a de tantos outros sujeitos negros da época. E mesmo o olhar externo e julgador não estando presente, ainda assim o mundo da protagonista é deformado.

A beleza de Pecola é negada por si e pelos outros. O desejo de pertencer ao que é considerado belo a partir da concepção da hegemonia branca, cria na personagem um ódio de si mesma. Isso causa um transtorno que conduz à crença de que só é feliz quem faz parte da realidade branca.

Essa disseminação de estereótipo reforça a ideia de superioridade da população branca, pois ao atribuir características negativas a uma população e disseminar narrativas racistas, a construção da imagem do homem branco heroico e de beleza perfeita se torna mais fácil. Por isso esse motivo Pecola passa a vida inteira desejando fazer parte da sociedade que a rejeita:

Por mais que tentasse, nunca conseguiria fazer os olhos desaparecerem. Que sentido havia naquilo então? Eles eram tudo. Estava tudo lá, neles. Todas aquelas imagens, todos aqueles rostos. Fazia muito tempo que ela tinha abandonado a ideia de fugir para ver imagens novas, rostos novos, como Summy fizera tantas vezes. Ele nunca a levava e nunca pensava na fuga com antecedência, portanto nunca a planejava. E, de todo jeito, não teria dado certo. Enquanto ela tivesse aparência que tinha, enquanto fosse feia, teria que ficar com aquelas pessoas. Por algum motivo ela lhes pertencia (Morrison, 2019, p. 55).

Pecola revela a situação de perigo e vulnerabilidade que a criança negra se encontra, os abusos sofridos pela personagem a transformam em uma criança triste e retraída. A amargura da personagem por não ser “bela” como Shirley Temple e as outras meninas brancas, faz com que ela se sinta estrangeira em seu próprio lar, Pecola habita naquele lugar, porém não é aceita, e isso leva a menina a querer sumir. Enquanto as outras crianças têm o desejo de brincar, ela tem o desejo de ser extinta, de não mais existir.

Dessa forma, a personagem fica retida em sentimentos contrários, sem conseguir fugir da imagem distorcida sobre si forjada pelos outros. “Lançada dessa maneira na convicção de que só um milagre poderia socorrê-la, ela jamais conheceria a própria beleza. Veria apenas o que havia para ver: os olhos das outras pessoas (MORRISON, 2019, p. 56). Essa é a consequência de anos de um racismo impregnado na sociedade, que leva a população negra a pensar que tudo faz é inferior e insuficiente.

É compreensível que Pecola busque pela necessidade de se igualar de alguma forma aos padrões impostos, os olhos azuis tão desejados por ela e que dão nome ao romance significavam um passaporte para uma vida melhor e mais feliz. Rezava por esses olhos na esperança de ser amada e respeitada, e acreditando que se fosse uma boa menina, o seu desejo seria alcançado.

Tinha ocorrido a Pecola, havia algum tempo, que, se os seus olhos, aqueles olhos que retinham as imagens e conheciam as cenas, fossem diferentes, ou seja, bonitos, ela seria diferente. Tinha bons dentes, e o nariz, pelo menos, não era grande e chato como o de algumas garotas que eram consideradas tão bonitinhas. Se tivesse outra aparência, se fosse bonita, talvez Cholly fosse diferente, e a sra. Breedlove também. Talvez eles dissessem: “Ora, vejam que olhos bonitos os da Pecola. Não devemos fazer coisas ruins na frente desses olhos bonitos” (Morrison, 2019, p. 56).

Para Pecola, a mudança na cor de seus olhos faria sucumbir todas as coisas horríveis que lhe acontecia. Se ela fosse bela e tivesse os olhos claros, Cholly não a teria violentado, Pauline não seria uma mãe ausente e Sammy não fugiria de casa com tanta frequência. Todas as expectativas de um suposto melhoramento de vida de Pecola estavam fundamentadas na mudança de cor de seus olhos.

Com isso, a infância da personagem é pautada na busca pela beleza, e isso fica mais evidente quando ela se vê inferiorizada por outras crianças negras, como Maureen Peal, que é uma negra não retinta com cabelos que caem por suas costas. Nesse contexto, ela é descrita como “uma criança de sonho, mulata claríssima, de cabelo castanho comprido, preso em duas tranças grossas que lhe pendiam às costas” (Morrison, 2019, p. 72). Por ter esse fenótipo, Maureen é aceita por todos na escola, as crianças querem se relacionar com ela, brincar e os professores de imediato a consideram uma aluna modelo.

Cláudia, Frieda e Pecola, com suas peles escuras e cabelos crespos, não causam a mesma admiração social que as moças como Maureen causam, e isso as levam a um tipo de confusão e também ao reconhecimento de que existe algo em Maureen que falta nelas. Cláudia e Frieda, ao contrário de Pecola, chegam à conclusão de que o problema não está nelas, mas sim no sistema que as classifica com (in)diferenças.

Estávamos assimilando a sabedoria, exatidão e relevância das últimas palavras de Maureen. Se ela era bonita – se havia uma coisa em que acreditar era que ela *era* -, então nós não éramos. E o que é que isso significava? Éramos inferiores. Mais simpáticas, mais inteligentes, mas, ainda assim, inferiores. Bonecas podíamos destruir, mas não podíamos destruir a voz açucarada de pais e tias, a obediência nos olhos dos nossos colegas, o brilho escorregadio nos olhos dos nossos professores quando encontravam as Maureen Peals do mundo. Qual era o segredo? O que é que nos faltava? Por que era importante? E daí? Ingênuas e sem vaidade, ainda estávamos enamoradas de nós mesmas na época. [...] E o tempo todo sabíamos que Maureen Peal não era o Inimigo e não merecia ódio tão intenso. A coisa a temer era *Coisa* que tornava bonita a *ela* e não a nós (Morrison, 2019, p. 84, grifos da autora).

As personagens, Cláudia e Frieda compreenderam que a luta não é contra Maureen Peal, pois ela apenas reproduz o que aprende, mas com algo bem superior que é o branco e suas instituições. Esses são os verdadeiros responsáveis pela inferiorização do negro, Maureen se achar superior e mais bela, é a representação do senso comum e a falsa ideia da supremacia que deprecia-a imagem do negro.

Compreende-se que foram esses discursos de inferioridade ao negro que fizeram com que as protagonistas de Morrison destinassem tanto ódio a si mesmas. Com isso, é evidente como Cláudia consegue perceber que as pessoas a sua volta foram induzidas a acreditarem na

realidade que a inferioriza, diferente de Pecola que não consegue ter essa maturidade e sofre na expectativa de alcançar o ideal e ser tratada com igualdade.

Buscou-se discutir neste artigo as questões que envolvem a supremacia hegemônica da beleza branca e qual sentido de belo na obra *O olho mais azul* de Toni Morrison, narrativa que trata do tema de forma abrangente e necessária através da personagem Pecola Breedlove.

A princípio, foi necessário revisitar o conceito de belo na filosofia, para assim alcançar e entender como o mito da beleza se estabeleceu nos parâmetros atuais. Esse recorte de tempo se faz necessário para que se alcance um entendimento de como esse conceito vem sendo discutido, e para isso foi necessário revisitar alguns filosóficos para fundamentar a pesquisa.

No decorrer da análise, foi possível entender a narrativa de Morrison e a urgência com que esse assunto necessita ser ainda mais percorrido. Pecola preferiu ser vista através do olhar do outro, e com isso o desejo de se encaixar no padrão se potencializou a ponto da loucura. Dessa forma, respondendo ao questionamento inicial, a mulher negra é conduzida a desejar um padrão de beleza branco pelo fato de almejar se relacionar positivamente na sociedade. É algo que vai além da aparência física, é a necessidade de ser vista, amada e aceita.

Assim, através da análise da obra, pela visão de Toni Morrison (2019), belo é tudo aquilo que é aceito, amado, desejado, e o feio é o rejeitado, o estranho, algo que beira a repulsa. Dessa forma, essa narrativa empresta voz a outras mulheres e identifica problemas e questionamentos que somente outra mulher negra consegue identificar, com isso é compreensível o valor de uma escrita voltada para os problemas da mulher negra.

Mulheres negras enfrentam um apagamento de suas histórias, pois o desejo da supremacia branca é o de excluir tudo aquilo que difere do seu ideal, empurrando a mulher negra para a margem. Pecola, é uma personagem construída para que o leitor entenda sobre esse lugar de exclusão, pois a personagem é levada a acreditar que sua vida só terá sentido a partir do momento em que ela tiver os olhos azuis.

Com base no que foi apresentado no decorrer do texto, fica evidenciado a importância desta obra para os estudos raciais e de gênero, pois ela trata de aspectos importantes sobre a realidade da mulher negra. A questão do mito da beleza branca empregado na narrativa ainda pode ser muito explorado, e isso é relevante para a construção de uma sociedade onde a mulher negra aceite seus traços. Compreende-se que a personagem Pecola adocece por não encontrar no espaço em que vive narrativas que afirmem a positividade de sua imagem, e a sua identidade é atacada pela hegemonia branca.

Com isso, a questão da identidade deturbada das personagens é evidenciada na obra e discutida nesse texto, pois é algo entrelaçado à questão da beleza. A personagem é construída de maneira a se auto validar somente através do olhar do outro, e é isso o que faz essa narrativa ser tão instigante para quem a ler e para quem a pesquisa. O próximo tópico veremos mais a fundo sobre essa questão da submissão da mulher negra, tendo em foco a personagem Pecola.

4. A SUBALTERNIDADE DA MULHER NEGRA: UMA ANÁLISE DO SILÊNCIO DE PECOLA

O olho mais azul é o romance de estreia da autora, ergueu vozes que por muito tempo foram silenciadas e em consequências disso foi a única mulher negra vencedora do prêmio Nobel de Literatura. O romance produzido tão brilhantemente por ela, trata de racismo, ódio, padrões de beleza forçados e a distorção da autoimagem sobre os indivíduos mais marginalizados. Além disso, a autora destaca temas como violência sexual, desamparo familiar e abuso, porém apesar de temas tão devastadores a escrita é envolvente, poética e lírica.

Baseado nesses estudos e de outros pesquisadores que serão usados para a fundamentação desse trabalho, a seguir discutiremos o silenciamento da personagem Pecola e o que contribui para que isso ocorra no romance. Em função disso, é necessário refletir sobre essa questão, para isso esse artigo será norteado pelos seguintes questionamentos: como é construído o silêncio de Pecola? Há questões raciais, sociais ou de gênero envolvidas nesse silenciamento?

Para fundamentar essa discussão, serão empregados conceitos de estudiosos como: Gayatri Spivak (2010) crítica e teórica indiana com um estudo fundamental sobre pós-colonialismo, Frantz Fanon (2008) que é um autor influente dos estudos pós-coloniais, Kilomba (2019) escritora, psicóloga, teórica e artista interdisciplinar portuguesa reconhecida pelo seu trabalho que tem como foco, o exame da memória, trauma, gênero, racismo e pós-colonialismo.

4.1 A Literatura pós-colonial e o silenciamento dos oprimidos

Antes de entrarmos no assunto em questão, se faz necessário discorrer sobre literatura na pós-colonialidade. De acordo com Stuart Hall (2003), o pós-colonial traz uma marca de passagem de uma conjuntura de poder para outra, ainda de acordo com o autor, “o termo se refere ao processo de descolonização que, tal como a própria colonização, marcou com igual intensidade as sociedades colonizadoras e as colonizadas (de formas distintas, é claro)” (HALL, 2003, p. 108).

Dessa forma, o discurso pós-colonial surge de acordo com Lomba (1998), para estabelecer uma nova maneira de pensar, permitindo que os processos culturais e políticos

sejam vistos como participantes do colonialismo, questionando a epistemologia da violência colonial. Assim, é levado à conhecimento a marginalização sofrida pelo sujeito colonizado, em suas crenças, cultura, produção de conhecimento, dentre outras. Nesse aspecto, ainda de acordo com Loomba (1998), da mesma forma que a literatura possui um papel relevante na construção de autoridade do colonizador sobre o colonizado, ela também é uma forma de desafiar os meios de representações dominantes e as ideologias coloniais.

De acordo com Thomas Bonnici (1998), literatura pós-colonial, “[...] pode ser entendida como toda a produção literária dos povos colonizados pelas potências europeias entre o século XV e XX.” (Bonnici, 1998, p. 09). Esse povo de início produz literatura de acordo com as características europeias, porém, logo depois surgem os primeiros autores escrevendo de acordo com suas experiências de sujeitos colonizados. Surgindo assim, uma guerra epistemológica entre o opressor e seu oprimido, com essas produções as pessoas puderam ter contato com a outra face da história, desvendando os segredos ocultados pelos colonizadores.

Compreende-se no entanto, que de acordo com essa perspectiva por muito tempo o colonizador silenciou o colonizado, e mesmo que produzindo literatura eles ainda falavam/escreviam aquilo que estava de acordo com a visão de quem tinha poder. Nesses dizeres, a autora Gayatri Chakravorty Spivak, em *Pode o subalterno falar?* (2010), faz relevante discussão sobre a representação do sujeito colonizado, nomeado por ela de subalterno. Esse sujeito subalternizado é identificado com um ser sem voz geralmente representado pelos intelectuais que falam por eles.

Na visão da autora,

Como a teoria é também uma “ação”, o teórico não representa (fala por) o grupo oprimido. De fato, o sujeito não é visto como consciência representativa (uma consciência que “re-presenta” a realidade adequadamente). Esses dois sentidos do termo representação – no contexto da formação do Estado e da lei, por um lado, e da afirmação do sujeito por outro – estão relacionados, mas são irredutivelmente descontínuos. Encobrir a descontinuidade com uma analogia que é apresentada como prova reflete novamente uma forma paradoxal de privilegiar o sujeito. Visto que “a pessoa que fala e age (...) é sempre uma multiplicidade”, nenhum “intelectual e teórico (...) [ou] partido ou (...) sindicato” pode representar “aqueles que agem e lutam” (Spivak, 2010, p. 40)

Spivack (2010), desperta atenção para a questão de construir um sujeito colonial como *outro*, sendo constituído pelos intelectuais dessa forma, onde um único discurso ganha como norma e verdade, desfazendo da voz e se beneficiando do silenciamento dos marginalizados. Nessa perspectiva, a autora atenta sua crítica para a condição da mulher em

meios as relações de subalternidade, onde defende um feminismo plural em que a teoria feminista e pós-colonialista dependem uma da outra para indagar as principais opressões.

Segundo Bonnici (1998), a mulher é duplamente colonizada, e com isso ela possui o papel intelectual de desconstruir o discurso de estereótipos de gênero criados, tendo como desafio mais do que dar voz à outras mulheres. Nesse caso, é necessário também preparar quem irá receber essas vozes sendo rompidas para que a fala das mulheres sejam valorizadas, combatendo opressões como desigualdades sociais, raciais e sexuais.

Sobre isso, discorre Spivack (2010):

O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher” como um item respeitoso nas listas de prioridades globais. A representação não definiu. A mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio (Spivak, 2010, p. 165)

Ao romper com esse silêncio, a mulher tem a possibilidade de não se fazer como porta voz, mas de possibilitar que os subalternos falem por si, sendo assim possível trilhar novos caminhos de autorrepresentação. Dessa forma, a mulher deixa de ser representada como o *outro* e passa a falar por si, a expor suas opiniões sem depender de alguém para representa-las. Nessa mesma perspectiva, Simone de Beauvoir (2019) aborda sobre a questão da necessidade da mulher de ser representada pelo homem, como se ela necessitasse da afirmação masculina para se constituir socialmente.

É importante ressaltar, o quanto Spivack (2010) deixa evidente em sua obra a necessidade de não romantizar esse rompimento de vozes, pois, principalmente como já foi mencionado, no caso das mulheres isso se torna ainda mais complexo. “A questão da “mulher” parece ser a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras.” (Spivack, 2010, p. 85). É essa a perspectiva adotada por Toni Morrison em seu romance, é perceptível que o silêncio de Pecola advém de sua condição social e principalmente pelo fato de ser negra, tornando-a cada vez mais subalternizada.

4.2 O racismo como forma de exclusão social

Em *O olho mais azul*, Toni Morrison constrói uma personagem totalmente oprimida pelo sistema social pelo fato de ser negra. Pecola é inferiorizada mediante as outras pessoas por ser negra, e pensa que ser negra a torna feia e as pessoas não conseguem ama-la por sua

feiura. Dessa forma, é evidente no romance que o racismo produz a exclusão social sofrida pela personagem.

Ao contrário do que muitos pensam, o racismo é uma realidade violenta, e é algo estruturado e bem formado para que funcione como arma de exclusão social. Segundo Grada Kilomba (2019), o racismo ainda é visto como uma coisa externa, porém é necessário entender que é algo que se desenvolve na vida social e política. Sendo assim, é possível analisar que o racismo vem da combinação entre preconceito e poder, e quem detém poder tem a facilidade de excluir socialmente um sujeito por sua raça.

O racismo, por sua vez, inclui a dimensão do poder e é revelado através de diferenças globais na partilha e no acesso a recursos valorizados, tais como representação política, ações políticas, mídia, emprego, educação, habitação, saúde, etc. Quem pode ver seus interesses políticos representados nas agendas nacionais? Quem pode ver suas realidades retratadas na mídia? Quem pode ver sua história incluída em programas educacionais? [...] (Kilomba, 2019, p. 76).

As respostas para esses questionamentos levantados pela autora, não são difíceis de encontrar, pois mediante à todos os fatores sociais que excluem o negro é evidente que o poder está e sempre esteve nas mãos do branco. No romance, temos os negros sendo representados por Pecola, oprimida e excluída das relações sociais básicas de uma criança, na família, na escola, e isso evidencia um racismo estrutural. De acordo com Almeida (2020):

Assim como a instituição tem sua atuação condicionada a uma estrutura social previamente existente – com todos os conflitos que lhe são inerentes –, o racismo que essa instituição venha a expressar é também parte dessa mesma estrutura. As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. (Almeida, 2020, p. 47).

Disso decorre que, o racismo é estruturado e institucionalizado, isso significa que dentro dessa estrutura se tem instituições que validam as formas de opressão e exclusão do negro. Socialmente falando, o negro é excluído em todas as esferas, o branco possui o privilégio no trabalho, na escola, nas universidades. O racismo opera de forma em que busca um apagamento desses sujeitos e também, como já mencionado nesse artigo, como forma de silenciar a voz do negro.

Segundo pesquisas, os negros são maioria do país, com isso deveriam possuir a mesma equivalência em termos de acesso aos direitos sociais, mas essa é uma realidade

distante. Deste grupo, mais da metade é constituído por mulheres, que sofrem uma tríplice discriminação: de raça, gênero e classe social. As mulheres negras são as mais excluídas socialmente, a discrepância entre a vida social de uma mulher negra e de uma branca é evidente à partir do momento em que a maioria das empregadas domésticas são negras. No romance, Morrison também evidencia isso, pois a mãe de Pecola trabalha em casa de família branca.

Assim, entendemos que essa forma de excluir o negro é herança da escravidão e do colonialismo, e isso só é possível de mudança a partir do momento em que as políticas públicas incluam as suas pautas a participação do negro no processo de desenvolvimento coletivo. O racismo ainda é pouco abordado, e existe um caminho longo para ser trilhado por aqueles que buscam equidade.

4.3 O silenciamento de Pecola no romance

A trajetória dos personagens na obra de Morrison, tecem relações significativas de poder que assinalarão de forma significativa o desenrolar da trajetória da família Breedlove, vidas essas marcadas pelo preconceito racial, econômico, sexual, em uma estrutura social excludente. Por esse viés, as mulheres são as mais prejudicadas, vivem situações de opressão e exclusão brutais, veladas e muitas das vezes explícitas, fomentada pela visão distorcida que a própria comunidade negra tem de si.

Pecola é uma menina negra, filha de pais problemáticos e vítima de exclusão e racismo. Com isso, a partir da análise do romance foi possível perceber que essa personagem é sempre representada por outras vozes, e que suas reflexões são nulas no decorrer da narrativa. Essa personagem vive de maneira em que se enxerga através do olhar do outro, e é pela voz de Claudia Macteer, que temos acesso aos sentimentos e desejos de Pecola. Como já foi mencionado, de acordo com Spivack (2010) esse silêncio ocorre principalmente pelo fato de ser mulher, negra e pobre.

Nesse sentido, na vida de Pecola ainda se acrescentava mais um agravante que contribuía com seu silêncio, a feiura, e isso é o tema central da narrativa e o que leva a personagem a se calar mediante situações tão absurdas. A família Breedlove é assim descrita:

Os Breedlove não moravam na parte da frente de uma loja por estarem passando por dificuldades temporárias, adaptando-se aos cortes na fábrica. Moravam ali por serem pobres e negros, e ali permaneciam porque se achavam feios. Embora sua pobreza fosse tradicional e embrutecedora, não era exclusiva. Mas sua feiura era exclusiva. (Morrison, 2019, p. 48)

É perceptível, a descrição que a autora faz dessa família vai de acordo com os pensamentos de Spivack (2010) no momento em que percebemos que essa exclusão social ocorre pelo fato desses personagens serem os subalternos. A condição social deles fez com que fossem apagados, e isso refletiu em Pecola por ser também parte dessa subalternidade. “Pecola escondia-se por trás da sua. Oculta, velada, eclipsada – muito raramente espiando por trás do véu, mesmo assim só para ansiar pelo retorno da máscara. (Morrison, 2019, p.49).

Observamos que a personagem se esconde atrás da máscara do silenciamento, está sujeita à posição de marginalidade, é a subalterna oprimida por uma sociedade onde a escravidão já foi abolida, mas o espírito de colonizador ainda perpetua, e as estruturas da opressão não permitem que essa voz seja escutada. Nesses dizeres, Spivack (2010, p.86) enfatiza que “[...] a mulher subalterna continuará tão muda como sempre esteve.”

Os fragmentos analisados e evidenciados nos leva a refletir acerca da linguagem como espaço de disputa de poderes, onde cada discurso é valorizado através do prestígio daquele que o produz. Por esse motivo, sujeitos assim como Pecola que sofrem opressões de gênero, raça e classe, são marginalizados e têm seus discursos deslegitimados. A personagem analisada além das opressões sofridas pela sociedade, também se depara com isso em casa, com seus pais.

Em vários momentos da narrativa a autora destaca o medo de Pecola e a ausência de sua voz: “Pecola continuava com os músculos do estômago contraídos e prendendo a respiração. [...] Respirando à vontade agora, Pecola cobriu a cabeça com o acolchoado. A náusea, que ela tentara impedir contraindo o estômago, veio rápido, apesar da sua precaução.” (Morrison, 2019, p. 53,54). Esse medo vinha de sua condição, falar, se expressar é algo que não está ao alcance da personagem, mesmo que tentasse não seria ouvida.

É perceptível que a personagem é aprisionada a sua raça, cor da pele e feiura, através disso é inferiorizada e se inferioriza por pensar que não merece respeito pelo fato de não ser branca e não ter olhos azuis. Disso decorre que, o silêncio de Pecola é construído a partir dessa condição de raça e também de sexo, é mulher e também negra, essas características a levam para condição de subalterna. Ela é subalterna à sua família, seus amigos de escola, professores e também da sociedade da época.

Enquanto ela tivesse a aparência que tinha, enquanto fosse feia, teria que ficar com aquelas pessoas. Por algum motivo ela lhes pertencia. Passava longas horas sentada diante do espelho, tentando descobrir o segredo da feiura, a feiura que a fazia ignorada ou desprezada na escola, tanto pelos professores quanto pelos colegas. Era

a única pessoa da classe que sentava sozinha numa carteira dupla. (Morrison, 2019, p. 55).

Assim sendo, salientamos o comprometimento da personagem em se auto aprisionar à condição que as outras pessoas impunham a ela, pela sua cor e seus traços. Toda essa questão é formulada no imaginário dela, de forma que é levada a acreditar que não existe outra possibilidade de vida por não se encaixar no padrão de beleza branco, aceito socialmente por todos. Sobre isso, Spivack (2010) afirma que “Com respeito à “imagem” da mulher, a relação entre a mulher e o silêncio pode ser assinada pelas próprias mulheres; as diferenças de raça e de classe estão incluídas nessa acusação.” (Spivack, 2010, p. 66).

Outro aspecto que desperta atenção sobre a voz de Pecola ser representada por Claudia, é a questão da cor da pele, Claudia também é negra, porém é descrita no romance como uma negra de pele mais clara. Isso decorre que, essa diferença latente entre pardas e negras evidenciada na obra em questão, reforça o discurso do colonizador onde os valores positivos se encontram na pele mais clara. Morrison (2019, p.91), descreve com subjetividade esse privilégio dos negros de pele clara, “são garotas magras de pele parda [...] Essas garotas moram em bairros negros tranquilos, onde todo mundo tem emprego bem remunerado.”

Essa discriminação é usada tanto por brancos quanto pelos próprios negros, a visão de que a cor da pele influência nas relações sociais é violentamente empregada para segmentar o grupo. A mulher negra sofre duplamente por sua cor e sexualidade, como já foi mencionado, porém essa situação se torna ainda pior pelo fato de estarem sempre a mercê de alguém, de seus donos, de seus maridos que dispunham de seus corpos e de suas vozes.

Todo mundo podia lhes dar ordens. As mulheres brancas diziam “Faça isso”. As crianças brancas diziam “Me dá aquilo”. Os homens brancos diziam “venha cá”. Os homens negros diziam “Deita”. As únicas pessoas de quem não precisavam receber ordens eram as crianças e as outras mulheres negras. Mas elas pegaram tudo isso e recriaram à sua própria imagem. (Morrison, 2019, p. 145).

Pecola, não foi preparada para enfrentar as dificuldades que a sociedade lhe impunha, em seu consciente de criança ela se encontra impossibilitada de construir um entendimento de que a diferença faz parte de qualquer sociedade. Com isso, ela não precisava se calar diante de toda opressão contra sua aparência, perdendo sua identidade e se tornando vítima do sistema social. Por isso, pela cor de sua pele só é possível conhecer Pecola através de Claudia, garota de pele negra, porém, clara.

No decorrer deste artigo, buscamos discutir questões que envolvem o silenciamento e a subalternidade da personagem central do romance *O olho mais azul* de Toni Morrison.

Romance de grande relevância para o estudo em questão, pois trata de forma evidente o tema através da vida da personagem Pecola Breedlove. Sendo assim, esse artigo busca evidenciar a importância dos estudos sobre questões raciais, gênero, e principalmente o que leva ao silenciamento da voz de mulheres negras.

A priori, foi necessário uma discussão panorâmica sobre a literatura na pós-colonialidade e sobre o racismo como forma de exclusão social. Que foi um dos fatores que mais contribuiu para o silenciamento da voz de Pecola no romance analisado. Para fundamentar a discussão sobre esse tema na obra, se fez necessário utilizarmos de estudos pós-colonialistas onde discussões pertinentes são mostradas pela visão de grandes estudiosos da área, em específico Gayatri Chakravorty Spivak.

No decorrer da análise foi perceptível o que levou a personagem à não ter voz no romance, e o quanto o silenciamento do sujeito negro é evidente, e principalmente da mulher negra. Pecola preferiu se enxergar através do olhar do outro, se calar foi a maneira que encontrou de percorrer o caminho de dor imposto pela sociedade que a oprimia. Desse modo, respondendo os questionamentos iniciais, é possível salientar que a mulher negra é direcionada a não falar por si, mas sempre ser representada pela voz do opressor ou do privilegiado.

Em suma, o romance demonstra com excelência o quanto as mulheres são levadas ao papel de subalternidade, principalmente Pecola, pelo fato de ser negra e não seguir os padrões de beleza da época. Padrões esses que perpetuam até os dias de hoje, onde muitas mulheres negras são silenciadas pela sociedade, pelo seus padrões e pelo seus maridos, levando-as à uma posição de subalternidade e de total dependência do outro para terem os seus discursos validados.

5. CONCLUSÃO

Buscamos discutir aqui as questões que envolvem a supremacia hegemônica da beleza branca e qual sentido de belo na obra *O olho mais azul* de Toni Morrison, narrativa que trata do tema de forma abrangente e necessária por meio da personagem Pecola Breedlove.

A princípio foi necessário revisitar o conceito de belo na filosofia, para assim alcançar e entender como o mito da beleza se estabeleceu nos parâmetros atuais. Esse recorte de tempo se faz necessário para que se alcance um entendimento de como esse conceito vem sendo rompido do que de fato é, e para isso foi necessário utilizar de teóricos filosóficos para fundamentar com melhor propriedade a discussão.

No decorrer da análise, foi sendo possível entender a narrativa de Morrison e a urgência com que esse assunto necessita ser ainda mais discorrido. Pecola preferiu ser vista através do olhar do outro, e com isso o desejo de se encaixar no padrão se potencializou ao ponto da loucura. Dessa forma, respondendo ao questionamento inicial, a mulher negra é conduzida a desejar um padrão de beleza branco pelo fato de almejar se relacionar positivamente na sociedade. É algo que vai além da aparência física, é a necessidade de ser vista, amada e aceita.

Assim, através da análise da obra, pela visão de Toni Morrison (2019) belo é tudo aquilo que é aceito, amado, desejado, e o feio é o rejeitado, o estranho, algo que beira a repulsa. Dessa forma, essa narrativa empresta voz a outras mulheres e identifica problemas e questionamentos que somente outra mulher negra consegue identificar, com isso é compreensível o valor de uma escrita voltada para os problemas da mulher negra.

Mulheres negras enfrentam um apagamento de suas histórias, pois o desejo da supremacia branca é o de excluir tudo aquilo que difere do seu ideal, empurrando a mulher negra para a margem. Pecola, é uma personagem construída para que o leitor entenda sobre esse lugar de exclusão, pois a personagem é levada a acreditar que sua vida só terá sentido a partir do momento em que ela tiver os olhos azuis. A escrita da autora leva o leitor a refletir e se questionar, pois toda a construção narrativa enfatizando o protagonismo em mulheres negras não poderia passa despercebido.

Com base no que foi apresentado no decorrer do texto, fica evidenciado a importância desta narrativa para os estudos raciais e de gênero, pois trata de aspectos importantes sobre a realidade da mulher negra. A questão do mito da beleza branca empregado na narrativa ainda pode ser muito explorado, e isso é relevante para a construção

de uma sociedade onde a mulher negra aceite seus traços. Compreende-se que a personagem Pecola adoece por não encontrar no espaço em que vive narrativas que afirmem a positividade de sua imagem, e a sua identidade é desolada pela hegemonia branca.

Com isso, a questão da identidade deturbada das personagens é evidenciada na obra e discutida nesse texto, pois é algo entrelaçado a questão da beleza. A personagem é construída de maneira a se auto validar somente através do olhar do outro, e é isso que faz essa narrativa ser tão instigante para quem a ler e para quem a pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução Sérgio Milliet. – 5. Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: EDUEM - Editora da Universidade Estadual de Maringá, 1998.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*; tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. 1. ed. Cobogó, 2019.
- LOOMBA, Ania. *Colonialism/postcolonialism*. New York: Routledge, 1998.
- MORRISON, Toni. *O olho mais azul*/ tradução Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SPIVACK, Gayatri Chakravorty, *Pode o subalterno falar?*; tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. – Editora UFMG, 2010.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 2006. Disponível http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/Antonio_Candido_-_Literatura_e_Sociedade.pdf Acesso em 19 fev. 2021.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas* / Frantz Fanon. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008. P.194
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade* Stuart Hall. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- _____. *Identidade e Diferença a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Editora Vozes, 2005, 133 p.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Tradução Valério Rohden e Antônio Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

MORRISON, Toni. *O olho mais azul*. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli. *Estética em Platão?* Revista *PHOINIX*, Rio de Janeiro - RJ, 11, 90-101, 2005. Disponível em: http://phoenix.historia.ufrj.br/media/uploads/artigos/5_-_Estetica_em_Platao_-_Joao_Ganzarolli.pdf. Acesso em 06 fev. 2021.

PLATÃO. *Banquete*. Tradução de J. C. Souza. São Paulo: Difel, 2006.

PLATÃO. *Fedro*. Tradução de J. C. Souza. São Paulo: Editora 34, 2016.

SOUZA, Neusa Santos. *Torna-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* / Rio de Janeiro – RJ: Edições Graal, 1983.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. *Escritoras negras contemporâneas: estudo de narrativas: Estados Unidos e Brasil*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

WALTER, Roland. *Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas*. Recife: Bagaço, 2009.